

ANNO II

BAHIA

NUMERO 3



REVISTA DE

EDUCAÇÃO

(ORGAO DA DIRECTORIA GERAL  
DE INSTRUÇÃO E DA ASSOCIA-  
ÇÃO BA-IANA DE EDUCAÇÃO)

NOVEMBRO DE 1930



BAHIA - 1930

Livraria e Typographia do Commercio  
Rua Silveira Jardim 35 - Telap. C. 1260



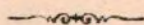
ANNO II

BAHIA

NUMERO 3

REVISTA DE  
EDUCAÇÃO

(ORGÃO DA DIRECTORIA GERAL  
DE INSTRUÇÃO E DA ASSOCIA-  
ÇÃO BAHIANA DE EDUCAÇÃO)



NOVEMBRO DE 1930



BAHIA—1630

Livraria e Typographia do Commercio  
Rua Silva Jardim 35 — Telep. C. 1256



## A "Escola Nova" no Rio de Janeiro

Conferência feita pela Prof.<sup>a</sup> Mercedes Dantas, na Escola Normal da Capital.

*Minhas senhoras e meus senhores.*

Venho com minha fé. Só ella me eleva nesse roteiro moroso até Manaos, em nome de um ideal que vive e palpita no coração de um pugillo de educadores que não falam de patriotismo sem falar primeiro de Educação.

Só ella me enrija a alma para enfrentar o primeiro auditorio de minha terra, sem que me domine a commoção de sentir-me em seu seio, sem que me paralyse o pensamento e me desvie de meus propósitos. Só ella me põe diante de vós numa antecipação de julgamento, serena, como aquella «energia motriz da alma» que eu sinto pairar também nesta casa com a evidencia de sua historia, de seus serviços. Sinto-me como no meio de meus irmãos de ideal, companheiros incansaveis da mesma luta em busca de um Brasil Maior, porque renovado, consciente pela Educação Nova. A Bahia não precisa, jamais precisou de directrizes para ser sempre «a mãe da intelligencia, da generosidade, do enthusiasmo», na phrase commovidamente fiel de Ruy Barbosa.

A Bahia, o berço do berço, dispensa indeces esclarecedores, palavras allumiadas, revestidas de factos e exemplos. Ella mesma se basta. Ella mesma



tem sido, desde o passado, o cerebro que orientou, que defendeu, que enalteceu, que trabalhou pela Patria. E ainda hoje, por seus filhos, continua a ser a Bahia, a grande, a eterna...

Para seguir por outras terras estranhas embora hospitaleiras, piso o solo do meu berço natal, revejo os seus ceus esplendidos, oiço-lhe os filhos illustres, integro-me em seus ideaes, assisto o seu labor, para no exemplo de tantas grandezas e tantas sublimidades, robustecer meu proprio coração para a tarefa que me espera, illuminar a minha propria alma para virilmente combater os contratempos, encher-me, saturar-me da ventura de revel-a para a reserva moral de que me munho.

Eis porque aqui estou, senhores, numa antecipação que não promettera a amigos meus. Como se o filho que vae partir para longe, mais longe do que se achava, viesse procurar a benção de seus paes.

Senhores todos somos das mesmas hostes pacificas do trabalho. Todos agimos, todos pensamos, lutamos pelo futuro, porque nosso pensamento, nossa acção, nosso vigor estão a serviço das novas gerações que nos substituirão mais tarde. Educamol-as para a felicidade. Educamol-as para o serviço do paiz. Educamol-as para de vez sairmos do «tempo em que eramos governados pela treva.» Se a maior força economica é a educação», como affirmou o maior dos bahianos, cabe-nos a responsabilidade de sermos os obreiros obscuros embora do progresso brasileiro.

E os factores desse progresso que têm sido a incognita perseguida por politicos, legisladores, idealistas e pedagogos, está na organização do trabalho.

Hoje, esse postulado educativo tem a sagração das verdades incontestadas.



Corre o mundo. Apossa-se do mundo. Renova povos. Descobre novas verdades, novas bases educativas. E' a Escola Nova. E' a Escola Activa.

O estandarte da Humanidade nova é a Escola Activa. Ella rasga desconhecidos horizontes ao educador. E' a grande justiceira da criança. Une e integra e correlaciona a Vida á Escola. Termo recente de poucos annos que ensina que *Viver é conquistar*.

A Escola Activa foi chamada a principio, em 1914, por Ferrière, Escola do Trabalho, que Pierre Bovet á frente de outros julgou má traducção do allemão: *Arbeitsschule*. « Terme peu heureux et trop imprecis », sentenciava M. Cellerier.

E' que a Escola do Trabalho dava a impressão de um systema de educação baseado no trabalho manual exclusivo e a Escola Activa considera a criança um organismo *activo* e se basea no principio nitidamente luminoso—o aproveitamento da sua actividade espontanea, productiva e individual.

Esse ideal vem de longe, do passado, com Montaigne, Locke, Rousseau, Pestalozzi, Fichte e Froebel. Geniaes intuitivos, precursores quasi incomprehendidos, que aos vindouros deixaram o exemplo de sua pertinace força de vontade na realização de seus objectivos ou paginas impereciveis que ainda hoje inspiram os collaboradores entusiastas de outra Humanidade nova e feliz.

A Escola Activa é anti-intellectualista. Rasga programmas, rompe com a rotina, insurge-se contra bucrarios e formalismos.

Não veio *reformatar* a escola memoralista, vazia de ideas e fins immediatos; escola conservadora da obediencia e da autoridade, impondo exames e di-



plomas, formando seres ou melhor enfôrmando seres sob medidas com a obrigação de saberem assim e de pensarem isso ou aquillo. Mas veio *transformar* a Escola que dahi por diante respeitará a liberdade da criança, suas tendencias, sua actividade manual e espirital. O mestre deixará de ser, em geral, o cumplice dos paes na ingrata tarefa de matar energias latentes. A criança é dona de si mesma, praticando o *self-control* para bem servir a communitade que a serve tambem.

A educação nova inverteu assim o principio de Gustavo Le Bon de «*faire passer le conscient dans l'inconscient.*» Ella considera que a criança até a sua formação total «passa por uma serie de estados estaticos mas de um dynamismo emanente», synthese de um dos mais interessantes pensamentos de Ferrière.

E', pois, *função* de individualidades. Não mecanismo, não intellectualismo, nem outros ismos modernos. Mas o espirito novo, radicalmente renovador que inicia a posse do mundo.

Como definir a criança diante desse principio integral de educação?

A psychologia experimental infantil veio provar que a criança não é um adulto incompleto ao qual se poderia applicar os mesmos methodos indicados para o homem. Ella é apenas isso: um *primitivo*, um equivalente ao selvagem.

Ja o psychologo americano Stanley Hall, affirmava que «para vir a ser um bom civilizado é preciso ter sido, preliminarmente, como criança, um bom selvagem.»

Eis, senhores, o principio que resume, em uma



linha, toda a philosophia em que se funda a verdade nova da Escola Activa.

Do contacto das cousas, a razão infantil se *illumina* e esclarece; sua intelligencia se desenvolve e apreende. Da actividade manual espontanea, vem o raciocinio, a comprehensão. Do simples e tangivel vae a criança ter ao complexo e abstracto. Do movimento em torno do que vê, do que apalpa, do que observa, vêm os conhecimentos, as generalizações, as abstracções. Age, movimenta-se, observa, trabalha.

E a mão, que é o rifão da intelligencia, pol-a-á do mundo objectivo para o mundo subjectivo. E ella, em frente das realidades poderosas da existencia, encontrará suas tendencias, aproveitará sua experiencia, comprehenderá o principio e o fim mysterioso do estagio terreno, formando praticamente o character que é, na opinião de Emerson, o capital essencial na «conducta da vida.»

Compassemos pelo passado um olhar pesquisador.

A Escola Activa, que adopta e pratica o mesmissimo methodo da madre Natureza, vem de J. J. Rousseau, um dos maiores homens de seu tempo, intuitivo pedagogo, que deixou no *Emile* as cicatrizes maximas da educação nova.

A psychologia experimental que considera a criança uma planta, lá está em suas linhas. O toque clarinado á consciencia do homem para que comece por ser criança para não succumbir, lá está em sua primeira pagina: «*L'activité du corp qui cherche a se developper succede l'activité de l'esprit qui cherche a s'instruire*», diz elle.

Em torno das maiores revelações de Rousseau gira a Escola Activa que seu illustre discipulo, o



grande Pestalozzi, outro precursor, outro genio intuitivo, outro louco de seu tempo, procurou consagrar, no Instituto de Yverdon.

O que foi esse estabelecimento, fundado em 1804, está nas paginas de Jullien. «*Inteira liberdade no desenvolvimento das faculdades ou disposições naturaes e da individualidade de cada alumno.*»

Cada tendencia livremente revelada pela criança era indicação imperativa para dirigil-a. A natureza era o proprio mestre, o unico mestre, que fazia de cada existencia um encadeamento de uteis occupações.

Evidentemente, se fossemos analysar a obra de Pestalozzi com minucias, dessa culminancia historica que é o seculo XX, encontraríamos muita cousa inutil, hoje, arredada pelas contingencias modernas. Outras, porem, segundo Ferrière, em que me louvo numa citação de Kerschensteiner: «*il faut, a une idée juste, cent ans pour être decouverte, cent ans pour être comprise, et cent ans encore pour être réalisée.*»

Rousseau e Pestalozzi felizmente deixaram discipulos. A experiencia humana através das idades foi aperfeiçoando o ideal educativo. Novas tentativas são feitas. Destaquemos, senhores, o famoso Orphanato de Cempuis, no Oise, creado por Paul Robin, em 1888, e que, lamentavelmente, ataques clericas fizeram-no fechar as portas em 1894. A escola de Cempuis praticava a coeducação integral, emfim, concedendo Robin aos seus alumnos tres horas diarias de actividade facultativa. E a criança diante de sua propria vontade, agindo e trabalhando de accordo com suas tendencias naturaes, revelava, nessas horas inteiramente suas, as inclinações innatas que o mestre poderia modificar ou orientar.



Era o ensino pela acção, quasi sem livros e sem horarios, a criança defronte do professor, não como elle desejaria que o fosse mas como naturalmente o era.

O *primitivo* de Stanley despertando á luz eterna da Natureza.

Senhoras e senhores, a Escola Activa é isso tudo. Ella já foi definida vinte vezes por pedagogos e vinte vezes posta em equação diante do *primitivo*.

A Escola Activa coordena a actividade espontanea da creança e suas manifestações normaes, affectivas, mentaes, interiores e exteriores. A vida e a escola! Sobre isso não ha desaccordos. As obras que tratam da sua comprehensão universal estão cheias de indicações, de explicações e de provas de varios methodos. Desta vez a pedra angular da educação humana é uma esplendida realidade.

#### A ACTIVIDADE MANUAL DA ESCOLA ACTIVA

O professor deve ser o Amigo, a segurança da justiça, o refugio do conselho, o espelho da lealdade, o recurso do auxilio. O formalismo da escola tradicionalista que fazia do mestre o «*primus inter pares*» intangivel, omnipotente, o alliado dos paes na formação encommendada da criança, deve desapparecer. Seu primeiro dever é tornar a criança feliz para educal-a. Dar-lhe a liberdade que lhe pertence, fazel-a um factor activo da commuidade, desenvolvendo-lhe as tendencias innatas com a segurança e serenidade rectilinea de um convicto.

Partir das actividades espontaneas da criança, ensinar o novo credo educativo: actividades manuaes



e constructivas, em primeiro lugar. Depois, partir das actividades mentaes, attingir o dominio pleno de suas affeições, gostos e interesses e de suas actividades sociaes e moraes, authenticas consequencias de suas reacções com o mundo exterior. É uma orientação já adoptada e perfeitamente em harmonia com o que Mestre nos ensina:

*O ponto de partida, attestado pela archeologia e a prehistoria, diz elle, é evidentemente a intelligencia practica; a intelligencia esthetica segue-a de perto. Mas a intelligencia theorica só apparece tardiamente.*

O movimento é, pois, a primeira necessidade da criança. A actividade manual satisfaz essa necessidade.

Sobre esse ponto eu poderia illustrar essa meia hora de palestra, senhores, com varias observações minhas, colhidas durante os dois annos em que estive dirigindo a escola de um internato de assistencia a menores do sexo masculino, o Instituto Ferreira Vianna. Essas observações tiradas sobretudo entre crianças de 7 e 8 annos, coincidem em muitissimos pontos com as provas de varios educadores, desde Dewey, Decroly, até as tentativas de Maurilio Salvoni.

A psychologia experimental infantil é uma só; portanto os ideaes de educação, com as alterações indispensaveis ao meio, á raça e ás differenças regionaes devem obedecer ao mesmo padrão: o aproveitamento da actividade espontanea da criança.

Analysemos um pouco. Os conhecimentos de ordem physica vêm, naturalmente, quando a criança se põe em relação directa com os objectos e suas propriedades.

Se a criança tem em mão o barro, a madeira, a cartolina, e desse material constroe um objecto qual-



quer, chegará a *conhecimentos* de ordem absolutamente *industrial*.

E', pois, incontestavel, que esses conhecimentos, na applicação desses trabalhos, despertam e desenvolvem a *observação infantil*, a *imaginação*, a *reflexão e associação mental*.

Os órgãos dos sentidos e as funcções espirituaes, postos a serviço desses trabalhos, *adaptam* a criança ao meio, em consequencia de acções e reacções immediatas. E' por conseguinte uma funcção de *coordenação*.

E que admiraveis oportunidades terá o mestre para occupar-se da formação moral e social da criança! Da comparação, do trabalho individual ou colectivo, a intervenção adequada do professor pode combater o falso orgulho, a inveja, a subserviencia, e, desenvolver, progressivamente, os nobres sentimentos da sinceridade e do altruismo. E a cada passo, aproveitando esforços e exitos, a Escola Activa é, seguramente, optimo meio para desenvolver e applicar a solidariedade humana, o sentimento que mais nos approxima de Deus.

Aprender dessa forma a honrar o trabalho, a elevar-se pelo trabalho, a emancipar-se pelo trabalho, eis as primeiras conquistas da actividade manual da Escola Activa.

Abro, Senhores, um parenthesis para um esclarecimento. Quando me refiro ao trabalho da criança e ao sentimento de sua autonomia pessoal, cumpre attender que se trata aqui da preaprendizagem que formará as tendencias infantis para a producção, mais tarde. Não o mercantilismo, o utilitarismo immediato.

— Ceusa que deve ser banida da escola a todo preço,



Dar á creança a alegria inexprimivel de crear, isto sim.

Aqui não comporta detalhar esse ou aquelle conhecimento através desse ou daquelle material: jardinagem, modelagem, slodj, desenho (que na opinião de Pestalozzi mais revela o character infantil). Mas indicar em linhas geraes o que é a actividade manual na Escola Nova.

Ha um termo, senhores, muito corrente nas escolas européas desse genero, que caracterizam fundamentalmente essas primeiras actividades. *Preprendizagem*.

Adoptemol-o.

### A ACTIVIDADE SOCIAL NA ESCOLA ACTIVA

A escola é uma comunidade. A creança a ella serve, como a comunidade serve á creança. Se a escola radica a creança ao meio e a põe em frente das realidades da vida, deve servil-a, pois.

A actividade social dentro da escola expande-se consequentemente fora da escola.

A que se pratica dentro da escola expressa-se por varias formas. Assim, a exemplo do que realizava na Fundação Horaciana, de Barcelona, criação de Pablo Vila, os alumnos maiores confeccionavam o material escolar necessario aos menores: jogos educativos feitos com recortes, colleccões.

Em Cempuis havia os pequeninos *papães e mães*, verdadeiros protectores dos menores, refugio moral para as pequeninas dores e tristezas infantis. No Instituto de Yverdon os alumnos se ajudavam e mutuamente se instruiam.



Quem negará o efeito moral desse auxílio mútuo, que é a própria solidariedade ensinada praticamente desde a escola? Quem negará a perfeição moral que encerra a observância inalterável dessas actividades? Affeições que florescem. O sentimento do dever cívico que se arraiga. A consciência esplendendo, aos poucos, para a luz imperecível da bondade, da serenidade, da força de vontade e do amor.

Onde, entretanto, a actividade social da Escola Activa attinge o mais elevado grau da solidariedade humana—bello, inegalável, illuminado da luz ignorada da alma—é na actividade social fora da escola.

A grande guerra deu-nos a maior oportunidade para verificar-lhe a extensão e a efficiencia. A Cruz Vermelha Juvenil, uma das mais admiráveis instituições do mundo, nasceu no Canadá, em 1914, dessa actividade social fora da escola. *Servir* é o seu lemma sublime. E, hoje, com a *Junior Red Cross* americana á frente, mais de vinte milhões de pequeninos supervisadores da miséria alheia *servem* e estendem pelo mundo civilizado, com sua divisa que não conhece fronteiras, nem linguas, nem odios, nem ambições, o sentimento incomparável da confraternização universal.

O escotismo— a criação magnífica de Baden Powell «o mais illustre representante da actividade social fora da escola», como já o chamaram algures, forma as milicias pacíficas do Bem e do Civismo, indo até ao soffrimento longínquo, ás dores escondidas e ás lagrimas ardentes.

Certamente conheceis aquella passagem, commovedora e cheia de ensinamentos, sobre os alumnos da Escola Nova de Hof-Oberkirch.



Varias obras modernas sobre a Escola Activa já tem espalhado, como exemplo, entre diferentes povos povos civilizados. Mas não me furto á tentação de vol-a resumir.

Em seguida a uma palestra sobre a actividade philantropica do Exercito de Salvação, os alumnos de Hof-Oberkirch resolveram sustentar essa obra. Não possuíam dinheiro. Que fazer para conseguil-o? Durante dez dias elles abstiveram-se de carne. Economisaram assim algumas centenas de francos que dividiram entre o Exercito de Salvação e a União Internacional de Soccorros ás Crianças, de Genebra.

Outro exemplo: Em Zurich, um funcionario do serviço de soccorros aos habitantes pobres tendo ralado contra o pauperismo, instituíram os alumnos a «caixa dos pobres» que era a caixa dos objectos achados. E no Natal distribuíram leite e pão, por algum tempo, a varias familias necessitadas.

Esse facto é apenas um dentre dezenas que a conflagração européa nos deu. Por elle entrevermos o que a Escola Activa, bem orientada, pode ser em frente a muitas questões sociaes.

Outro exemplo e esse de authentica utilidade publica nos vem da Bulgaria. O ministro da Instrucção daquelle paiz instituiu «Uma semana escolar de trabalho manual e agricola.» Esse trabalho, obrigatorio, foi feito por alumnos das escolas primarias e secundarias, em abril de 1921. Os principaes, segundo a noticia a que me reporto, foram os seguintes: Limpeza e reboco dos locaes escolares; nivelamento e pavimentação de pateos e jardins escolares; nivelamento dos gymnasios; reparação do mobiliario escolar; confecção de objectos escolares; reparação



dê portas e janellas de estabelecimentos escolares; cultura de legumes e flores nos jardins escolares; plantação de arvores em torno das escolas e bibliothecas; replantação, reparação das ruas que conduzem ás escolas; excavações archeologicas.

Experiencia admiravel que o «Eco da Bulgaria» disse ter sido de um exito absoluto.

Entrevistado, declarou o ministro de Instrucção Publica, segundo a mesma noticia, entre outras cousas interessantissimas: «O valor do que se fez pode ser avaliado em uma centena de milhões de *levas*, porem, bem mais importante ainda é o valor pedagogico e educativo do trabalho publico da juventude, do trabalho publico em commum, do trabalho physico ao ar livre e desta animação geral entre os alumnos.»

Uma promessa? Mais do que promessa. Uma conquista definitiva, digna de ser imitada por todos que sentem o valor das forças latentes da juventude.

Senhores, sinto bailar em vossos labios uma pergunta: e a disciplina? Como conseguir-se disciplina em uma escola sem horarios, sem programmas rigidos, sem examens classicos, quasi sem livros?

E eu vos direi: a disciplina é uma consequencia, na educação. A utilização da actividade espontanea, o sentimento da dependencia com a ordem que a criança deve ter, é a disciplina. Toda ella basea-se no ensinamento biblico que sentencia: «o homem é punido por suas proprias faltas ou recolhe os frutos de sua boa conducta.» Ella depende mais do mestre que deve cultivar a justiça, pura e rigorosa, o sentimento da dignidade pessoal que a criança comprehenda, enfim, que a ordem é um elemento indispensavel ao trabalho e ao desenvolvimento individual



para que a comunidade a sirva, assim como deve ella servir, imperiosamente, á comunidade.

Um problema ergue-se entre a simplicidade apparente dessas linhas: o do mestre. Mais do que nunca impõe-se a autonomia didáctica do professor. Si elle liberta a criança de sua tutela, entregando-a á tutela de sua propria consciencia, antes de tudo, precisa elle mesmo libertar-se dos prejuizos do seu tempo, agido pelo amor, intervindo naquellas oppor- tunities de que somente um verdadeiro tacto, especial e delicado, poderá indicar.

### A ACTIVIDADE INTELLECTUAL

A Escola Activa deve ser a propria vida deante da criança. Entretanto a vida moderna cujos ultimos 50 annos trouxeram as mais assombrosas invenções do genero humano, transformou-se completamente, modificando as condições normaes do estagio terreno. Exige do «homo-sapiens» novas qualidades de adaptação ao meio, crea-lhe novas difficuldades deante do futuro, ao mesmo tempo que lhe outorga o direito de fazer de sua vida a vertigem mais commoda e rapida do planeta.

Como fazer para a escola a vida assim complexa?

Creando um ambiente para a criança e orientando-a para as realidades imperativas da existencia moderna.

Ferrière, sociologo, professor do celebre Instituto de J. J. Rousseau e Director do «Bureau International des Ecoles nouvelles», apresenta uma indicação, quasi trivial, um metodo, cujos resultados tem sido dos ras apreciareis.



Não com o rigorismo de detalhe do eminente educador, mas em suas linhas geraes, pude applical-a no Instituto Ferreira Vianna, em 1929. E o resultado foi quasi uma *transformação* mental das crianças.

O principio geral da Escola Activa é *aprender fazendo e para fazer, observar*.

Da *observação* virão a *comparação*, a *classificação*, a *associação de ideas*, a *invenção*, a *reflexão*, a *expressão oral e escripta*. Ou resumindo, o rythmo da funcção intellectual: a *observação* e a *expressão*.

Para trazer para a escola a vida que passa, Ferrière aconselha «recolher documentos.» Como: visitando usinas, fabricas, atelieres, serviços publicos, ferroviarios, hospitaes, monumentos historicos, museos, especialmente ethnographicos, a natureza, em summa, em sua opulencia vegetal e animal. «Eis o livro da criança, diz elle, onde ella seleccionará paginas para seu estudo e assimilação.» E tudo isso acompanhado da leitura de livros e vistas scientificas illustradas. Esses documentos recolhidos por toda a forma, pelo recorte de gravuras e de artigos, pelo desenho, por varias notas pessoaes, são *classificados*, mettidos em envelopes especiaes sob rubrica e relacionados com o programma de estudo. Aqui diferem as applicações desses *documentos*.

No Instituto Ferreira Vianna modifiquei o trabalho infantil nessa parte. A criança com esses documentos recolhidos não só formava os museos de classe, como operava para a formação dos centros de interesses», reservando para o seu proprio archivo o que lhe agradasse. E se bem me recordo, faltando, certa vez, um documento sobre a morte do Zumbi e outro sobre a batalha naval do Riachuelo, cujo quadro um



delles já vira em volume de Historia, foi tudo perfeitamente concluido pela iniciativa e a invenção dos alumnos. Um mais habilidoso tomou do barro e modelou a famosa batalha, enquanto outro, pelo desenho, fixava a nova e lendaria Tarpea indigena.

Em presença de textos, desenhos, sem ordem: recolhidos ao acaso, artigos de jornaes misturados a fragmentos fabris, ensina ainda Ferrière, «deve o mestre accommodar-se ás lições occasionaes. Mas os programmas sempre existiram e existem... Cabe ao mestre, por meio de uma leitura ou uma palestra accidental, orientar os trabalhos do dia e a actividade espontanea da criança.

A iniciativa do professor é essencial para, sem o parecer, adaptar os conhecimentos a adquirir e o material a empregar. E as questões que se formulam? E os ensinamentos de toda a ordem que se podem tirar desse «plano» de lição? Virão trabalhos individuaes, originalissimos, pintura, productos industriaes, geographia, linguagem, expressões escriptas, a formação de museos individuaes, tudo isso annotado em fichas ou cadernos pessoaes.

Em semelhante systema educacional, os horarios não podem ser observados. Em Vienna, se me não falha a memoria, de uma pagina que li, havia uma determinação official dando ás aulas a duração que lhes permittissem a attenção e o interesse do alumno, independentemente da fatal sineta.

Eu poderia, senhores, deter-me mais alguns minutos nesse capitulo da Escola Activa. Mas afinal aqui não estamos a verificar esse ou aquelle detalhe do plano geral, derradeira conquista em materia de educação.



O que vos esbocei e que eu propria tive a oportunidade de applicar com um resultado que minha modestia me impede de revelar completamente, gravita sempre em torno desse postulado:

« Fazei a criança observar, desenhar, experimentar, discutir, resumir oralmente, construir, redigir, corrigir, anotar.»

Mas como, se, apesar das tentativas magnificas de Robin e de Salvoni, e das victorias do Dr. Wirt, em Gary, America do Norte, e de Decroly, em Genebra, e as de Vienna e outros, temos programmas de educação?

Que a criança é um «primitivo» e seus interesses e tendencias se revelam como as dos nossos antepassados mais recuados, sabemos. O «plano», que não é meu, está claro, mas o resultado da experiencia paciente em varias escolas novas de diferentes partes do mundo, basea-se naquelles «estados estaticos mas de um dynamismo emanente» a que ja me referi.

O 1.º estado ou etapa, para servirmo-nos do termo geral, abrange o ser humano até os tres annos. Etapa dos *interesses sensoriaes*.

A 2.ª etapa—da criança de 4 a 6 annos é a idade do *jogo*.

Segundo Karl Groos «biologicamente falando», o jogo teria por fim preparar o pequenino ser para a vida adulta».

Eduardo Claparède adoptou a theoria do jogo de Groos, applicando-a á educação. O *jogo* é o trabalho espontaneo, a primeira modalidade do trabalho infantil.

Em 1914, Claparède annexou ao Instituto de Rousseau, por elle fundado em 1912, em Genebra, a



*Maison des Petits* aberta ás crianças de 3 a 7 annos. Na *Maison des Petits* «on desire que les enfants travaillent tout ce qu'ils font.»

A 3.<sup>a</sup> etapa abrange os de 7 até os de 9 annos, idade dos *interesses immediatos*.

A criança quer movimentar-se, tem o prazer pelo que é util, attenta ás causas e effeitos mecanicos e aos phenomenos naturaes. E' a idade das visitas ás fabricas, ás vias ferreas, aos aero-portos, ás estações de Radio, ao jardim zoologico.

A 4.<sup>a</sup> etapa, dos 10 aos 12 annos, etapa dos *interesses especializados concretos*. Nessa etapa a criança interessa-se pelos seres vivos, pelos vultos que viveram em outras terras. E' a idade que Ferrière chama das «*monographias*.» A vida dos Homens celebres atrae a criança e um plano educativo, bem feito, pode enquadrar variadissimos conhecimentos, partindo da remota antiguidade, através dos seculos, até chegar a Edison ou a Marconi.

5.<sup>a</sup> etapa, dos 13 aos 15 annos. Porta da adolescencia. Etapa dos *interesses abstractos simples*. Idade das conclusões, das observações directas da linguagem e regras geraes.

6.<sup>a</sup> etapa, 16 annos. O adolescente começa, espontaneamente a interessar-se pelo «*abstracto*» e o «*complexo*». Prepara-se elle para a vida mesma e torna-se o «*animal social*» de Aristoteles. O trabalho arrancal-o-á do parazitismo escravizador e o fará um ser autonomo e livre, sobre cujos hombros o futuro repousa.

A Humanidade volta-se, cada vez mais esperançada, para a luz da perfeição. Renovar! Dominar o tempo e o espaço! E novamente os pioneiros enthu-



siastas da Escola Activa esperam que ella nos dê uma Humanidade nova, liberta e venturosa, sem guerras nem odios, sem fronteiras nem leis. A criança, membro da comunidade escolar, fazendo-se adulta, membro activo dessa Humanidade quasi divina! E aquellas massas inertes de população, inproveitadas pela ignorancia, governadas, como fantoches, transformar-se-ão em legiões pacificas do trabalho.

A Liga das Nações foi a primeira conquista politica que preparará a Era Nova. A Conferencia de desarmamento, convocada pelos mesmos homens que fizeram a guerra ou viveram no tempo da guerra, tendo, ainda, no coração, sem o quererem talvez, os resabios do soffrimento, da dor e do odio, não podia triumphar, de prompto. Mas é uma promessa para o futuro. E... quem sabe? Talvez da Escola Activa saiam esses legisladores, esses conductores de povos, esses homens de genio que orientarão, emfim, a Humanidade, para a luz, para a paz, para a liberdade e o amor!

Sejamos do nosso tempo!

Senhores, sejamos de nosso tempo!

Um curto passado de 18 annos nos ensina o caminho a seguir. A Suissa, em 1912, deu ao mundo o Instituto de J. J. Rousseau, fundado por Eduardo Claparède e Pierre Bovet, professores da Universidade de Genebra. O Instituto de J. J. Rousseau é «*l'école la plus novatrice que soit dans le domaine de la pedagogie*», o centro do movimento a favor da Escola Activa, centro de informação e diffusão, ao mesmo tempo.

Na Italia, a patria de Pestalozzi e Montessori,



Maurilio Salvoni, fundou, em 1921, uma escola para cultivar a actividade espontanea da criança.»

Na França, preparada por Gustavo Le Bon, a França, a patria de Rousseau, Binet e outros, o movimento é admiravel. A Inglaterra, tradicional e formalista, Sanderson, o heroe de Wells na «Flamma immortal» é considerado o maior precursor.

Kerschensteiner, na Allemanha, Pablo Vila, na Hespanha, e, mais alem, Vienna da Austria, depois a Polonia, a Tchecoslovaquia, a Hungria, a Bulgaria, o Egypto... Que mais? A Russia, cujo ideal educativo parece estar muito acima do ideal da Escola Nova. Que mais? A America do Norte. Somente o que se faz na America do Norte, (de onde acabam de chegar professoras cariocas) dá para varias conferencias. A Escola Activa, naquelle grande paiz, é a consagração integral dos ideaes modernos. As escolas do Dr. Wirt, na cidade de Gary, completas, perfectas, abrangem do jardim da infancia até o primeiro ou segundo gráo da universidade.

E na America do Sul? Falemos de nós, falemos do Rio de Janeiro.

O ensino publico, na Capital, era, até pouco tempo, a desordem absoluta do caos. A escola primaria não preenchia sua finalidade. Isolada das realidades nacionaes, emperrada pela rotina, sob uma legislação monstruosa, inconsequente — leis annullando leis — a escola primaria, pessimamente installada, ha muito reclamava um homem de energia e patriotismo que a salvasse.

Fernando de Azevedo foi esse homem. Para prestar-lhe justiça não deveria dizer que elle *reformou* a



instrucção. Fez mais. Fez tudo: *transformou* a educação. Deu-lhe a Escola Activa.

A Escola Activa do Rio de Janeiro, porém, não é uma copia servil do que já fez esse ou aquelle educador.

E' o principio vital das escolas novas — adaptado ás condições da Capital: a escola radicando-se ao meio (á familia portanto) e articulando-se a todas as peças do ensino popular.

A Escola Activa de Fernando de Azevedo dá para longas conferencias. Eu, evidentemente, não posso aqui deter-me mais do que nesse preito de homenagem e de admiração á sua obra de homem verdadeiramente patriota.

Senhores, nesse momento, eu teria o maior orgulho se pudesse dizer: Na America do Sul? O Brasil.

O movimento mundial a favor da Escola Activa culminou com a criação da Liga Internacional para a Educação Nova, a 6 de Agosto de 1921 em Callais.

A Liga adoptou principios que eu quizera agora divulgar.

Eis o primeiro: «O fim essencial de toda a educação é de preparar a criança para querer realizar na vida a supremacia de espirito.»

Quizera ver todo o Brasil encorporado, entusiasticamente, sinceramente, a esse movimento para que a obra de Fernando de Azevedo não se restringisse, apenas ao Rio de Janeiro, e fosse o sopro renovador que passasse, triunphante pela Patria toda.

Patricios, sejamos do nosso tempo! *Viver é conquistar*. Nessa conquista pela educação nova, não fiquemos atraz na entrozagem da rotina, anulando



energias, dispersando valores, distanciando-nos de outros povos irmãos.

E vós, senhores professores, e vós futuros professores, sêde os obreiros dessa cruzada nobilíssima em prol da Escola Activa. Fazei de cada pensamento uma força e lembrae-vos que *«el niño leva dentro de si la levadura espiritual del futuro.»*

Sois os responsaveis pela obra de renovação social do Brasil, iniciada por Fernando de Azevedo, o homem superior que soube querer e venceu. Elle teve, porém, de contar com os mestres. E os mestres carocas realizaram o milagre da sua Reforma, o maravilhoso instrumento educativo que é a Escola Activa.

O Brasil, para ser grande e uno e indizível, precisa que seus 40 milhões de filhos sejam 40 milhões de forças pacificas do trabalho. Não ha de ser a machina administrativa, num paiz de 23 milhões de analfabetos, que o conservará o «immenso, colosso gigante» do velho hymno escolar. E' obra da educação. E' obra de cada um de vós, fazendo da vida aquella magnifica «supremacia de espirito», consagrada universalmente.

Não é tarefa de Politicos. E' dever de Mestres. Cumpri o vosso dever.



**Resumo das suggestões apresentadas pelo Dr. Anisio Spinola Teixeira, quando Director Geral de Instrucção, em meados de 1929, para a reorganização progressiva do Systema Educacional Bahiano.**

### A PRESENTE SITUAÇÃO DO SYSTEMA EDUCACIONAL

Pela reforma de 1925, ficou o systema escolar bahiano organizado do seguinte modo: *a)* escola elementar de quatro graus ou annos, constituindo o curso fundamental e commum para todos os alumnos; *b)* «escola primaria superior» com tres annos de curso «pratico» complementar para os alumnos que quizerem completar o curso primario ou continuar a sua educação nas escolas profissionaes; *c)* «Gymnasio», de character academico, para os candidatos aos cursos superiores; *d)* escolas normaes e profissionaes.

O systema pode ser apresentado em graphico do seguinte modo:

	2 annos	4 annos
	E. Compl.	E. Normal
	3 annos	4 ou 5 annos
4 annos	E. Primaria Superior	E. Profissional
E. Elementar		
	5 ou 6 annos	5 ou 6 annos
	Gymnasio	Faculdade



energias, dispersando valores, distanciando-nos de outros povos irmãos.

E vós, senhores professores, e vós futuros professores, sede os obreiros dessa cruzada nobilíssima em prol da Escola Activa. Fazei de cada pensamento uma força e lembrae-vos que *«el niño leva dentro de si la levadura espiritual del futuro.»*

Sois os responsaveis pela obra de renovação social do Brasil, iniciada por Fernando de Azevedo, o homem superior que soube querer e venceu. Elle teve, porém, de contar com os mestres. E os mestres cariocas realizaram o milagre da sua Reforma, o maravilhoso instrumento educativo que é a Escola Activa.

O Brasil, para ser grande e uno e indizível, precisa que seus 40 milhões de filhos sejam 40 milhões de forças pacificas do trabalho. Não ha de ser a machina administrativa, num paiz de 23 milhões de analphabetos, que o conservará o «immenso, colosso gigante» do velho hymno escolar. E' obra da educação. E' obra de cada um de vós, fazendo da vida aquella magnifica «supremacia de espirito», consagrada universalmente.

Não é tarefa de Politicos. E' dever de Mestres. Cumpri o vosso dever.

---



**Resumo das suggestões apresentadas pelo Dr. Anisio Spinola Teixeira, quando Director Geral de Instrucção, em meados de 1929, para a reorganização progressiva do Systema Educacional Bahiano.**

### A PRESENTE SITUAÇÃO DO SYSTEMA EDUCACIONAL

Pela reforma de 1925, ficou o systema escolar bahiano organizado do seguinte modo: *a)* escola elementar de quatro graus ou annos, constituindo o curso fundamental e commum para todos os alumnos; *b)* «escola primaria superior» com tres annos de curso «pratico» complementar para os alumnos que quizerem completar o curso primario ou continuar a sua educação nas escolas profissionaes; *c)* «Gymnasio», de character academico, para os candidatos aos cursos superiores; *d)* escolas normaes e profissionaes.

O systema pode ser apresentado em graphico do seguinte modo:

	2 annos	4 annos
	E. Compl.	E. Normal
	3 annos	4 ou 5 annos
4 annos	E. Primaria Superior	E. Profissional
E. Elementar		
	5 ou 6 annos	5 ou 6 annos
	Gymnasio	Faculdade



Esse é o systema em suas linhas externas.

Alguns numeros sobre o grau restrictissimo de expansão a que attingiu, podem servir para julgar a situação real da educação na Bahia.

ESCOLA PRIMARIA ELEMENTAR — Apenas 20 crianças bahianas, em idade escolar, estão matriculadas nas escolas elementares. Dessas 20 matriculadas, 53 % estão no 1.º grau; 27 % no segundo grau; 14 % no terceiro e 6 % no quarto.

ESCOLAS COMPLEMENTARES — Só existem até hoje tres, annexas ás escolas normaes officiaes.

ESCOLA PRIMARIA SUPERIOR — Existe uma unica em Cachoeira.

ESCOLAS SECUNDARIAS — Ha uma unica instituição official — o Gymnasio da Bahia, com uma matricula de 800 alumnos.

ESCOLAS PROFISSIONAES — O Estado mantem apenas a Escola Agricola. As demais escolas profissionaes são federaes ou particulares.

ESCOLAS NORMAES — O Estado mantem tres escolas normaes e ha duas particulares equiparadas.

ESCOLAS SUPERIORES — Ha tres faculdades, sendo a Medicina federal e as de Direito e Engenharia particulares equiparadas.

Não ha estatistica segura da matricula nas escolas secundarias publicas e particulares. A minha estimativa é de que ha cerca de tres mil estudantes nessas diferentes escolas. Nos cursos superiores a matricula geral não chega a 1.000.



Em resumo, a situação é esta:

Em 1.000 crianças de idade escolar apenas 200 frequentam alguma escola; apenas 30 concluem o curso primario elementar; apenas 7 obtêm alguma educação secundaria; e apenas 2 têm os beneficios da educação superior.

O primeiro problema do ensino, na Bahia, é assim o da expansão do systema escolar.

Antes, porem, de encarar esse problema, examinemos a *qualidade* de educação que as escolas existentes fornecem. Talvez as opportunidades educativas sejam, não somente escassas e restrictas, mas ainda contraproducentes.

### CRITICA DAS ESCOLAS

*A escola primaria elementar* — Pelo estudo que temos feito da escola primaria bahiana, em cerca de quatro annos de direcção do ensino, podemos affirmar: (1) que ella tem uma finalidade que não pode ser satisfeita em um curso de quatro annos; (2) que as materias não estão devidamente graduadas através dos annos escolares; (3) que não ha relação entre o programma escolar seguido pelas professoras e as actividades ordinarias da vida da criança; (4) que os methodos de ensino são ainda muito artificiaes e livrescos; (5) que não se desenvolve a iniciativa do alumno, nem se obtem sua participação activa no trabalho escolar; (6) que a criança não obtem pela escola nenhuma melhor comprehensão dos seus problemas e dos problemas de sua terra e sua gente;



(7) que a escola não offerece oportunidade para a formação do character.

Falhando a escola, assim, ao cumprimento dos seus objectivos, não ha porque admirar que ella não seja realmenté frequentada sinão em dois annos do seu curso.

Os alumnos que proseguem, visam, apenas, obter o diploma da escola elementar que serve para a matricula em outras escolas.

Essas circumstancias tornam a escola elementar alheia ás suas funcções educativas e democraticas:— no melhor dos casos torna-se uma escola que *prepara* alumnos para as escolas secundarias; de modo geral, não passa de uma simples machina de ensinar mal a ler e escrever.

A escola popular tem assim uma finalidade real muito restricta, apesar da larga finalidade que he assigna a lei do ensino. Não educa para a vida. Educa para saber ler, educa para a matricula no *Gymnasio* ou para a matricula na Faculdade.

*A escola secundaria*—Os aspectos educativos que referimos, na analyse brevissima que fizemos da escola elementar, são ainda mais verdadeiros com relação ás escolas secundarias.

As deficiencias mais profundas da escola secundaria podem ser, assim, rapidamente indicadas:

1. *Centralização administrativa*—O controle da educação secundaria pelo Governo Federal tem sido entendido não somente como o meio de se assegurar a *unidade* da educação mas tambem a *uniforridade* de toda ella. Isto retira qualquer vitalidade ás instituições equiparadas.



2. *Concepção dualística de educação*—A escola secundaria é considerada entre nós como uma instituição totalmente differente das escolas profissionaes, embora servindo ambas a alumnos da mesma idade. O velho preconceito contra as «*profissões*» chamadas manuaes corporifica-se nesse aspecto dualistico da nossa educação para o adolescente.

A escola professional não tem perante a opinião publica o «prestigio» que desfructa a escola «academica.» Isso torna a educação secundaria anti-democratica, por um lado, e, por outro, anti-economica.

Tal aspecto não somente dá á escola «academica» um espirito mais livresco e artificial, como impede o desenvolvimento das escolas profissionaes, que são, cada vez mais, escolas para pobres e desafortunados.

3. *Organização chaótica*—A organização do nosso Gymnasio não obedece a nenhum plano razoavel. O seu programma se constitue de toda sorte de estados, sem qualquer correlação ou coordenação mutua. Embora chamemos esse programma de «*classico-academico*», de facto é uma combinação de linguas modernas, linguas mortas, sciencias, mathematica, philosophia e sociologia—tudo entrando alli sem nenhum plano de conjuncto e nenhuma orientação uniforme.

4. *Methodos de ensino*—As materias são ensinadas, no Gymnasio, «theoricamente», isto é, por intermedio de livros, sem nenhuma descriminação do que é ou não importante, do que interessa ou não o alumno, do que tem ou não tem utilidade. O professor *pre-lecciona* a materia e depois *toma a lição*.

Não ha a menor approximação entre os professores, nem entendimentos mutuos para o effeito de



coordenar inteligentemente os seus cursos. Ensina as suas materias, como se as professassem em uma cathedra especializada de Universidade.

5. *Exames*—De facto a escola só existe para os exames. Os cursos são puramente uma preparação para as provas livrescas e formaes do fim do anno.

### SUGGESTÕES DE REFORMA

Os commentarios brevissimos que fizemos atraz mostram que as escolas bahianas, taes como hoje se encontram, são não só insufficientes como tambem inadequadas para attender ás necessidades sociaes do Estado, e ás exigencias do conceito moderno de educação.

Colloquemos, pois, diante de nossas vistas o problema em sua integridade.

A população da Bahia, de cujas necessidades educativas temos que cuidar, é uma população heterogenea e com differentes niveis de progresso social.

Podemos definir pelo menos tres grandes grupos:

1. Alguns centros urbanos já em contacto com o mundo civilizado, cujas necessidades educativas são as de qualquer sociedade civilizada, guardadas as differenças locaes.

2. Outros centros urbanos menores que começam a participar do «progresso» moderno daquelle primeiro grupo e cujas necessidades são ainda as mesmas, em grau mais reduzido;

3. A grande massa da população rural, propriamente dita, que se acha ainda entregue a uma vida primitiva e desincorporada, de alguma sorte, ca parte mais adiantada do Estado.



Approximadamente 75 % da população geral do Estado estão incluídos nesse terceiro grupo.

Vivem esses habitantes do nosso *hinterland* no campo ou em pequenos agrupamentos sociaes. Afóra as actividades quotidianas do trabalho, somente a «feira» nos «commercios» visinhos, ou a agitação rara das «missões», ou a passagem do Padre em visita parochial, trazem alguma agitação á vida pacatissima dessa pobre gente.

Os «commercios» ou villas apresentam, por sua vez, aspectos igualmente primitivos, aggravados, em certos casos, por um marcado character de decadencia.

Vestigios de um periodo melhor dão, com effeito, em certas localidades, uma feição mais desanimadora ao atrazo geral. A mineração do tempo da colônia ou o trabalho agricola organizado do tempo da escravidão, emprestaram a esses centros momentos de relativo esplendor, que tornaram mais sensível depois a insersão no viver primitivo de hoje.

Entretanto, não convem deixar em silencio que um novo desenvolvimento agricola vem despontando em certas zonas, marcando-as com um innegavel espirito de progresso e prosperidade.

Retirados, porem, esses trechos e algumas cidades, toda a população vive em completo estado de isolamento e primitivismo. Nem livros, nem jornaes, nem estradas lhe levam, seja uma idéa noya, seja um homem novo para agitar o seu marasmo proverbial.

Das instituições tradicionaes de civilização, nem a Igreja, nem a Escola existem. Quando existem, não prestam os serviços esperados, devido ja ás condições ambientes, já á inefficiencia pessoal do encarregado das mesmas.



Que será, então, possível fazer para atender às necessidades educativas dessa população?

Definamos, em primeiro lugar, as funções da escola, tendo em vista as *necessidades geraes* da população bahiana:

1. A escola deve preparar o individuo para participar no governo do Estado e da União, com eficiência e independencia;

2. A escola deve preparar o individuo para exercer o *self-government* de sua villa ou cidade e municipio;

3. A escola deve habilitar o individuo a cuidar de sua saúde e a melhora-la;

4. A escola deve habilitar o individuo a progredir na eficiência e rendimento do seu trabalho ordinario;

5. A escola deve cooperar para o melhoramento geral das condições de vida da população.

Até o presente momento, como satisfaz a escola essas funções?

Os alumnos entram para a escola aos 7 e 8 annos. Delles, cerca de 8 %/o, como vimos, deixa a escola assim que sabe ler, escrever e contar. Os restantes, que terminam o curso, são arrancados geralmente ao seu meio, e vão para as cidades *continuar* os estudos.

As crianças que, entre 10 e 11 annos, deixaram a escola com os conhecimentos de primeiras letras que alli adquiriram, muito depressa os perdem, conservando tão somente a habilidade de *assignar o nome* com que irão engrossar as fileiras dos eleitores sem discernimento, nem independencia.



Isto posto, a escola, como existe, é inteiramente ou em grande parte ineficiente, sobretudo si levarmos em conta as funcções que ella devia preencher.

Devemos, entretanto, ponderar que aquellas funcções que lhe marcamos, são mais *impostas por uma organização social e politica que se quer tornar efectiva*, do que pela sociedade sertaneja propriamente dita.

Com effeito, creio bem que uma analyse cuidadosa do viver primitivo de uma pequena localidade sertaneja, revelaria uma espantosa *sufficiencia*, si me permittem o barbarismo. Isto é, a localidade se basta a si mesmo. Até em educação. A criança se educa, directamente, em contacto com a experiencia social do grupo. A pequena arithmetica que usam é transmitida pela experiencia. Para as occasiões extraordinarias em que seja preciso ler ou escrever uma carta, ha sempre um que aprendeu, não na escola, mas da experiencia de outro, as poucas letras necessarias para esse myster.

Parece não ser exagerado dizer que a propria sociedade não urge, pois, pela escola, ao menos pela escola tradicional de ler e escrever.

Naturalmente, a população sempre a deseja e pede, mas obedece nesse pedido mais a uma certa fé, de algum modo mystica, no poder da educação, do que na visão clara de que ella venha preencher uma funcção clara, de que ella venha preencher uma funcção social e concreta.

Haveria, então, duas orientações possiveis para atacar o problema educativo desses diferentes grupos sociaes.



O primeiro seria o de prover escolas para os grupos mais adiantados, como os «centros de progresso» do Estado e, gradualmente, irradiar o systema escolar para o grupo rural, á medida que os seus nucleos de população se venham agglutinando aos centros mais civilizados.

Escolas,—entendidas como instituições para distribuir um treino especial e uma instrucção especial que satisfizessem necessidades sentidas e especificas da communitade—seriam, por esse plano, criadas e apparelhadas assim que aquellas necessidades se fizessem sentir. Onde a vida fôsse tão primitiva que essas necessidades não fossem visiveis, ahi não chegaria a responsabilidade do Estado para com a educação formal e escolar.

Sabemos, porem, que ha hoje uma concepção muito mais larga com relação ás funcções da escola. A segunda orientação que aqui apontariamos para a solução do nosso problema educativo, funda-se nessa nova concepção. A escola—longe de ser uma simples agencia de instrucção especial—é um centro educativo que joga com todos os problemas da communitade.

Ora, esses problemas são tanto mais delicados e importantes quanto mais restricta e atrazada a localidade.

As necessidades sociaes dos centros mais adiantados podem ser mais complexas, não serão, porem, mais capitaes do que as dos pequenos nucleos sertanejos.

Dahi a escola passar a ser necessaria em todos os centros, desde que ella se torne consciente dessas suas novas funcções. Quanto mais modesto o villa-rejo, mais larga a funcção da escola, verdadeira insti-



tuição de civilização, que não deve recuar diante da tarefa de incorporar aquelle grupo de primitivos aos hábitos de vida e de hygiene dos centros modernos.

Diante disto, e considerando que nada menos de 76 % da população do Estado são constituídos desses elementos ruraes ainda primitivos, deve ser essa ultima a orientação que devemos seguir. A solução do problema deve ser a de prover oportunidades educativas, tão largamente quanto possivel, para todos os grupos, tendo sempre em vista a eficiencia dos resultados e as condições dos diversos nucleos. Nada disto pode, entretanto, ser conseguido sem um tratamento mais racional do nosso problema educativo.

Inqueritos sociaes objectivos deviam ser o primeiro passo para um plano geral de escolas sertanejas. Preparação eficiente do professorado, o segundo. Estudos continuados dos programmas e da organização escolar tornariam possivel um systema escolar progressivo e vigilante contra a inefficiencia e o inadequado, sempre possiveis, da instrucção.

As suggestões que vamos fazer adiante envolvem, assim:

- a) reorganização do actual systema escolar urbano;
- b) elementos para uma solução inicial do problema da educação rural;
- c) reorganização da preparação dos professores.

### REORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS URBANAS

De principio diremos, em desencargo de consciencia, que julgamos que o Estado deve esforçar-se para possuir um systema completo de educação que



vá da escola elementar á Universidade. A expansão do systema havia de ser naturalmente lenta e gradual. Impunha-se, entretanto, que, em cada estagio educativo, o Estado offerecesse oportunidades escolares com o fito de aproveitar as capacidades e talentos especiaes descobertos entre os alumnos, como ainda para cuidar da formação das *elites* directoras de que precisa a Bahia para o seu progresso.

Parar na escola elementar, deixando que iniciativas privadas, nem sempre devidamente orientadas, cuidem sosinhas das necessidades educativas de nivel secundario ou technico, é um proceder inaceitável, com o qual o Estado foge ao cumprimento de suas responsabilidades de provêr um minimo essencial de educação.

Não ha razão porque o Estado não possa encarar a organização do systema de educação secundaria de cinco annos, pelo menos, (alem de quatro de escola elementar), paralelo ao do «Gymnasio», mas inteiramente independente do seu aspecto «preparatorio.» Essas escolas offereceriam oportunidades educativas para 10 % dos alumnos matriculados nas escolas primarias.

As «escolas primarias superiores» recentemente estabelecidas em lei podiam ser substituidas por esse novo typo de escola secundaria, que participaria do character moderno da educação secundaria ou educação para os adolescentes, contrabalançando, assim, os máos effeitos da existencia exclusiva dos «gymnasios» *academicos*.

Com relação á Universidade, suggeriríamos o aproveitamento das oportunidades que offerece a presente lei federal para a criação de universidades



estadaes. Reorganizadas, gradualmente, as tres Faculdades que já existem, em uma instituição universitaria, estava lançado o germen de novas escolas superiores, assim que recursos financeiros o permitissem.

Um systema educacional completo significaria uma reorganização escolar mais fecunda e a possibilidade de um vasto programma integrado e harmonioso.

### ESCOLA PRIMARIA ELEMENTAR

A actual escola elementar de quatro annos de curso deve chamar-se mais adequadamente - *escola primaria*, em contraste com o nome de *escola secundaria* que será dado a todas as escolas que se destinem a alumnos de mais de onze annos.

E' um truismo dizer, presentemente, que a escola primaria não pode visar somente a ensinar ler, escrever e contar, mas sobretudo deve ter em vista ensinar a viver e a viver melhor do que se vivia antes da escola.

A revisão cuidadosa, que deve ser feita do programma escolar, excluirá a sua adaptação ás crianças bahianas, seus interesses e suas capacidades, e ás condições de vida do Estado. Alem disto, o programma deve ser cuidadosamente *graduado* e a administração do systema escolar aparelhada devidamente para poder distribuir as crianças pelos diferentes graus, de accordo com a sua capacidade e crescimento mental.

Com relação aos methodos de ensino, tentar-se-á a sua gradual transformação pela preparação especializada dos *directores de escola* que terão a seu



cargo a inspecção escolar. Além disso, material didactico mais rico, a inclusão de actividades escolares especiaes como «excursões», «desenho», artes industriaes e a insistencia pelo methodo de problemas ou de projectos,—concorrerão grandemente para tornar os periodos escolares mais vivos e toda a educação mais funcional na vida das crianças.

A idéa central ha-de ser a de tomar as crianças onde ellas estão e partir dahi com o proposito de lhes dar elementos para satisfazerem mais intelligentemente as suas necessidades materiaes, intellectuaes e recreativas. A finalidade da escola ha-de ser mais do que ensinar «as materias escolares»—ha-de ser a de ensinal-as a viver melhor atravez daquella instrucção.

Toda a machina educativa deve voltar-se para essa nova orientação. Nada deve entrar no programma escolar si não servir para fazer com que as crianças melhorem seus habitos de saúde, de trabalho, ou de participação na vida da commuidade.

Para se conseguir a execução desse plano, lembamos o seguinte:

A. *Sugestões geraes.*

1. Inqueritos sociaes para que se definam com precisão os caracteristicos da vida das differentes commuidades bahianas, sobretudo as sertanejas. Esses estudos servirão de base para a natureza das escolas e o conteúdo e objectivo dos seus programmas.

2. Investigação objectiva dos *resultados* da escola e da eficiencia dos *methodos* empregados. Taes estudos demonstrando palpavelmente os resultados da educação, devem servir de base para uma campanha de publicidade destinada a criar um novo es-



pirito em educação e uma consciencia mais lucida das necessidades educativas por parte do povo e dos seus dirigentes.

3. Expansão do systema escolar em um modesto systema de educação secundaria (similhante as das «Middle Schools» da Inglaterra e Allemanha ou ao das «Junior High Schools» dos Estados Unidos), estrictamente ligado á vida e ao trabalho da região.

4. Reunião das escolas em todas as cidades e villas.

5. Reorganização da Directoria Geral da Instrução com a criação de uma «divisão de pesquisas», que terá a seu cargo:

- a) revisão dos programmas;
- b) estandarização de testes;
- c) classificação de alumnos;
- d) distribuição por graus das materias;
- e) adaptação do trabalho escolar ás necessidades da vida;
- f) treino dos professores em serviço de inspecção.

*B. Suggestões com relação aos programmas.*

6. Revisão do curriculo da escola elementar no sentido de melnor satisfazer as necessidades da comunidade e as capacidades e interesses das crianças. Para isso precisaremos de varias investigações e experiencias, que devem ser feitas, tendo em vista:

- a) a larga finalidade educativa da escola;
- b) uma estreita coordenação das experiencias escolares com as experiencias de fóra da escola;
- c) fazer predominar na escola o espirito de comunidade de serviço de cooperação;



d) promover o estudo do meio local em que a criança vive;

e) promover a expressão própria das crianças por meio de cursos de artes industriaes, «clubs de historias», etc.

f) applicação do methodo de problema ou de projecto, etc;

g) apreciação do sentido e do valor da leitura;

h) saúde da criança e seu crescimento.

7. A revisão do curriculo deve ser gradual e progressiva.

Far-se-á com a cooperação dos actuaes professores. Atravez de investigações e experiencias em escolas publicas, novos cursos de estudos, novos processos de apresentação da materia, novas organizações do trabalho escolar em torno de actividades, etc., serão elaborados e encaminhados aos demais professores como suggestões para a reforma de suas escolas.

### C. *Suggestões com relação aos methodos de ensino.*

8. Treino dos professores já em serviço por meio de um programma definido a ser executado por Institutos de Professores, Conferencias de professores e Cursos de ferias.

Nesse programma occuparão parte saliente a ordenação entre a vida e as materias escolares, o desenvolvimento da iniciativa e participação dos alumnos no trabalho escolar; a organização *psychologica* e não *logica* das materias e lições do curso; a distribuição por graus do programma, etc.

9. Apparelhamento de «escolas de demonstração» pelo menos em todas as Escolas Normaes, para per-



mittir aos professores ver e estudar como o seu trabalho pode ser aperfeiçoado.

10. Preparação de material didactico, livros escolares, litteratura infantil, planos de lições, etc., para auxiliar o professor a fazer melhor o seu trabalho.

11. Reorganização gradual do processo de exames por meio de testes estandardizados e adaptados ao trabalho escolar.

12. Insistencia pela frequencia regular das crianças matriculadas.

Para isso suggerimos:

a) que se dê preferencia, na matricula, aos mais capazes;

b) que se estimule o progresso rapido das crianças habéis;

c) que se colloquem os melhores professores nos primeiros graus;

d) que se estimule o desejo dos paes de que seus filhos terminem o curso primario;

e) que se adapte o ensino aos escolares.

13. Treino especial do director da escola para que possa ajudar a realizar todas as suggestões e aperfeiçoamento da inspecção.

*Suggestões com relação a predios e aparelhamento escolar.*

14. Organização de um programma de predios escolares. Predios modestos, mas obedientes a todas as condições technicas e hygienicas e com aparelhamento variado, embora simples. Largueza de terrenos para jardins, jogos, etc. Mais extensa utilização dos predios, com diferentes turnos escolares.



## O PROBLEMA DA EDUCAÇÃO RURAL

Vimos que o presente systema escolar da Bahia attinge somente a 20 crianças em 100 crianças de idade escolar. Vimos mais que essas 20 crianças matriculadas frequentam, praticamente, apenas 2 annos de curso elementar, sobretudo nos districtos ruraes.

Por outro lado, convem lembrar que essa população rural é superior a 75%.

Logo, é insignificante o que a escola faz pelas crianças ruraes bahianas. Mais do que isto. O pouco que faz, parece-nos, *totalmente sem proveito*.

E isso, pelas seguintes razões:

1. A escola rural ensina *somente* a ler e escrever e ler e escrever nenhuma vantagem directa offerece para a vida actual da nossa população rural. A escola existe para attender uma *necessidade geral* do Estado e não as *actuaes* necessidades dos pequenos grupos sertanejos.

2. A escola rural é frequentada pelas crianças de 8, 9 e 10 annos. A vida consecutiva dessas crianças *desfaz* tudo que a escola, por accaso, lhes tenha ensinado.

3. A escola precisaria para ser efficiente *criar* as necessidades que ella pretende satisfazer. Para isso ella precisaria de estar superiormente apparelhada, afim de poder reter o alumno por tempo tão longo que elle della saisse não só devidamente preparado, como ainda em idade de applicar, com autonomia, o que tivesse aprendido.

Devido, porem, á escassez de recursos financeiros, o Estado não pode expandir o systema escolar a toda a população, nem eleva-lo a um nivel mais alto



com um programma mais longo de manifesta utilidade social.

A extrema ignorancia da população adulta e o character primitivo da sua vida, tornam extraordinariamente duvidosos os resultados de um systema escolar para a infancia, mesmo que esse systema podesse vir a ser perfeito.

E' esse facto que convence qualquer pessoa familiar com o problema rural brasileiro da necessidade de cuidar simultaneamente da *educação das crianças e dos adultos*.

As escolas actuaes e as que vierem a ser abertas devem pois ser organizadas, tendo em vista esse duplo fim.

Como essas escolas, devido ao despreparo do professor e ás condições locais, não podem buscar ensinar outra coisa sinão ler e escrever, seria inutil a organização de qualquer programma mais vasto, de accôrdo com uma concepção sociologica de educação. O objectivo immediato da escola seria, pois, ensinar a ler e a escrever, mas não somente ás crianças, como tambem aos adultos. Essa leitura seria, porem, de applicação directa ás cousas da vida rural. Livros, publicações, informações de toda sorte seriam distribuidos atravez da escola.

A escola passava a ser um *centro de informações* uteis e praticas para toda a população. Sugerimos para se obter isto, os seguintes passos:

1. A escola terá duas secções de tres horas por dia e uma nocturna de duas horas, com um programma de leitura e escripta e ensino pratico de arithmetica, agricultura, artes domesticas e saúde.



2. As crianças entrarão para a escola com a idade de 11 annos. A sessão nocturna será para adultos e sempre que houver adultos em numero sufficiente para preencher uma das sessões diurnas, deve-se dar a elles preferencia sobre as crianças.

3. Cada escola deve ser aparelhada com uma pequena bibliotheca de livros uteis e praticos, accessiveis a todo o mundo. Essa bibliotheca é uma parte essencial da escola. Que vale ensinar a ler, si não ha o que ler?

4. Logo que possivel a escola deverá ter um aparelho de radio. Da capital, atravez da Directoria de Instrucção, seria, então, regularmente irradiado um programma educativo adaptado ás condições sertanejas.

5. Logo que possivel a escola possuiria um aparelho cinematographico para exhibição de films educativos.

6. A escola organizará clubs de meninos e meninas que já tenham frequentado a escola, afim de que os mesmos continuem sua educação.

7. A preocupação pela educação do adulto será a predominante na escola rural, até que o seguinte objectivo seja attingido: formação de um habito geral de leitura no seio da população e de applicação das informações colhidas nas leituras no aperfeiçoamento do modo de viver de cada um.

Resultados recentes de investigações sobre a capacidade de aprendizagem dos adultos encorajam a tentativa da ordem da que acima ficou enunciada.



## PLANO DE REORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS NORMAES

A preparação do professor deve ser a consideração suprema de qualquer systema de qualquer especie de educação. No systema escolar bahiano, essa importancia ainda mais avulta por motivos varios. O facto do systema escolar compôr-se quasi que exclusivamente de escolas elementares, obriga essas escolas a uma finalidade muito larga e, consequentemente, maior responsabilidade do mestre. Alem disto, a difficuldade de inspecção segura e effectiva, devido á extensão do estado e difficuldade de transportes, põe sobre os hombros do mestre toda a tarefa escolar. O professor não obtem auxilio de parte alguma. Tem que bastar-se a si mesmo. Ser de algum modo um *educador*, capaz de resolver os problemas educacionaes que surgirem no seu trabalho e de progredir e aperfeiçoar-se por si mesmo. Ha, porem, considerações praticas que põem uma restricção na formação ideal do mestre. O salario que o Estado lhe pode pagar, antes de tudo, obriga que simplifiquemos esse preparo.

Succede, porem, que na Bahia o problema toma um aspecto particular. Para a Capital e outros centros proximos, temos mais professores do que o Estado pode actualmente collocar. Para o Interior não ha quasi professores.

Podemos, diante disto, *melhorar um pouco a preparação* do professor, na Capital, sem com isto se obrigar o Estado a augmentar-lhe os vencimentos.

Para o Interior é que, pelo contrario, temos de manter o mesmo nivel de preparo e procurar ainda



dar a maior expansão ás oportunidades para a formação do professor primario.

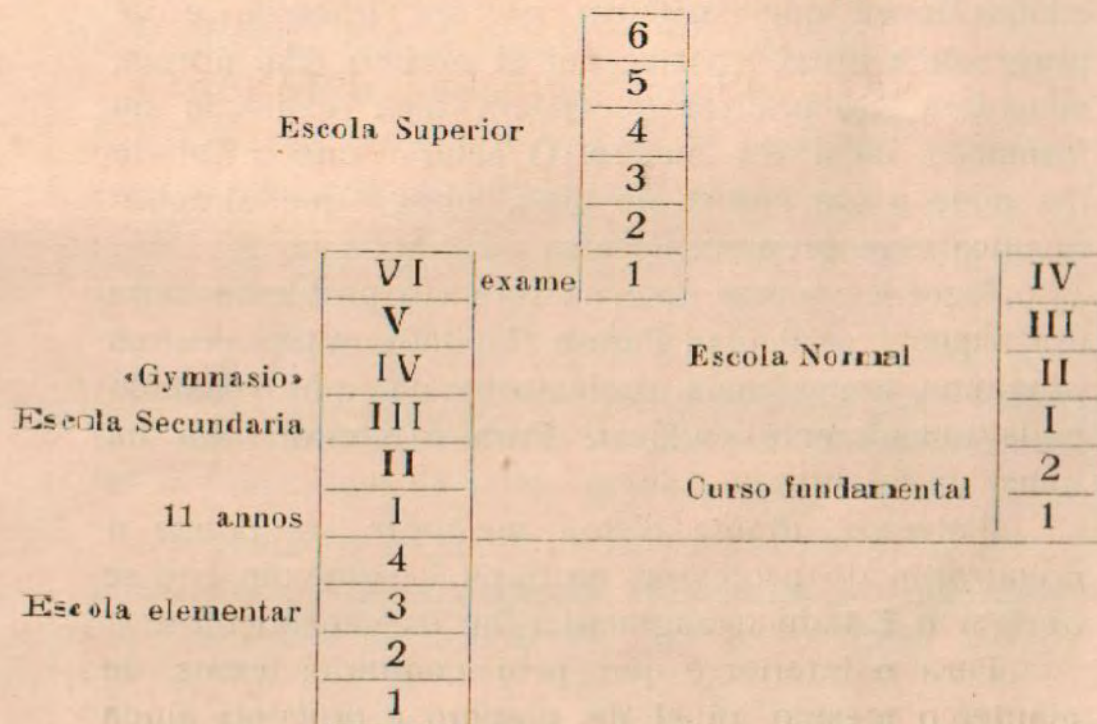
O nosso plano envolve, pois:

1. Melhorar o preparo dos professores da Capital e cidade proximas, augmentando de um anno o periodo de estudo;
2. Reorganizar as Escolas Normaes Rurales, mantendo, entretanto, o mesmo periodo de treino;
3. Facilitar a habilitação de professores por intermedio de *cursos de emergencia*.

### SYSTEMA ACTUAL

A preparação dos professores envolve 4 annos de *curso elementar*, dois annos de *curso fundamental*, e 4 annos de *curso chamado normal*.

A posição das escolias normaes no systema geral do ensino pode ser vista no graphico seguinte:





Nos dois annos de curso fundamental, o candidato ao magisterio continua a sua educação elementar e começa o estudo de *francês*.

O programma é o seguinte para os dois annos:

1. Português
2. Francês
3. Mathematica
4. Geographia e Historia do Brasil e da Bahia
5. Sciencia Geral e Hygiene
6. Educação civica
7. Desenho
8. Trabalho manual
9. Educação Physica
10. Musica.

Terminado esse curso, o candidato matricula-se na *chamada* Escola Normal (uma escola secundaria com alguns cursos de pedagogia.)

O programma comprehende:

MATERIAS	HORAS SEMANAES				
	ANNO	I	II	III	IV
Francês . . . . .		3	3		
Português e Literatura . . . . .		5	5	4	
Mathematica . . . . .		5	5	4	
Geographia . . . . .		3	2		
Historia Universal e do Brasil		3	3		
Desenho e orthographia . . . . .		3	4	3	
Educação Domestica . . . . .		3	2	2	
Trabalho Manual . . . . .		3	3	3	
Physica e Chimica . . . . .			4		
Educação physica . . . . .		2	2	1	2
Agricultura . . . . .				2	1



Biologia e Physiologia Humana	4	
Hygiene Geral e Escolar.	3	2
Psychologia infantil, pedagógica e didactica.	5	4
Educação Moral e Civica	2	
Musica e canto coral	3	3
Philosophia e Historia da Educação.		3
Pratica de ensinar (duas semanas)		

O plano geral do curso é o de preservar o espirito de educação geral nos tres primeiros annos e dar ao quarto anno feição especializada.

Os resultados, entretanto, de nossas Escolas Normaes até agora têm sido mediocres, porque:

1. Os methodos de ensino são geralmente livrescos e formaes.

2. Não ha espirito de formação profissional na escola.

3. O programma de pratica de ensinar tem sido executado sem nenhuma inspecção.

4. O curso é excessivamente pezado nos tres primeiros annos e os programmas mal adaptados ás necessidades do alumno e de sua carreira.

5. Os cursos de pedagogia são vagos e geraes, sem nenhuma applicação aos problemas do estudante.

Parece pois aconselhavel a reorganização das escolas normaes, no sentido de transformal-as em instituições especializadas de preparação de professores.

A reorganização que vamos propôr, permitirá:

1. Que os professores de Escola Normal sejam especializados em educação e methodos de ensino.



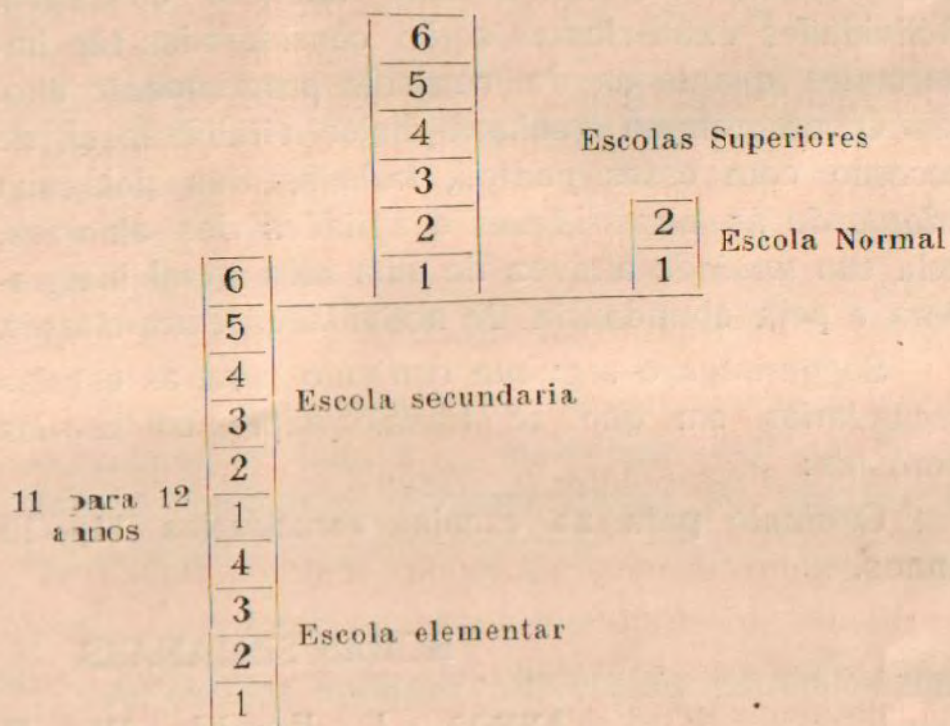
(Os actuaes são especialistas da materia que ensinam, sem preparo profissional em questões de educação.)

2. Que se desenvolva um espirito profissional na escola.

3. Que se organize adequadamente a pratica do ensino.

4. Que se tenha um programma profissional.

O plano de reorganização pode ser visto no graphico abaixo:



Nesse plano a preparação de professores eleva-se para o nivel do ensino superior, com o augmento tão somente de um anno de curso na Escola Normal da Capital.

As escolas normaes actuaes serão gradualmenté transformadas em escolas secundarias, ampliando



assim as oportunidades educativas que oferece o Estado.

O novo currículo dessas escolas secundárias obedecerá aos seguintes pontos:

1. Adaptação dos programas às necessidades e habilidades dos alumnos.

2. Distribuição das matérias tendo em vista um princípio de organização geral que desse unidade ao curso.

3. Compreensão de que a função da escola é não somente instructiva mas também educativa. Actividades extra-classes serão consideradas tão importantes quanto ás do currículo propriamente dito.

O programma ganhará maior vitalidade si, de accordo com esses pontos, trabalharmos pela sua adaptação às necessidades e aptidões dos alumnos, pela sua *unidade* atravez de uma idéa geral integradora e pela abundancia de actividades extra-classes.

Sugerimos o seguinte currículo para as escolas secundárias em que se transformarão as escolas normaes:

Curriculo para as escolas secundárias 11—15 annos.

#### HORAS SEMANAES

	ANNOS	I	II	III	IV	V
Português e literatura.	.	5	5	5	4	4
Inglês . . . . .	.	5	3	3	3	
Mathematicas . . . . .	.	5	5	5		
Geographia . . . . .	.	3	2	3		
		—	—	—	—	—
		18	15	16	7	4



Estudo da natureza . . . . .	2	2			
Sciencia geral . . . . .			5		
Historia Natural . . . . .				5	
Hygiene e biologia . . . . .					4
Physica e Chimica . . . . .					5
Historia Universal e do Brasil . . . . .	3	4	3		
Estudos sociaes . . . . .				5	5
Artes industriaes ou praticas	2	2	2	4	3
Musica. . . . .				2	2
Educação physica . . . . .	2	2	2	2	2
	—	—	—	—	—
	25	25	28	25	25

Todos esses cursos têm programmas especiaes, que esta nota não permite desenvolver. Actividades extra-classes, esportes, participação dos alumnos nos negocios escolares serão aspectos predominantes da nova organização.

Depois do quinto anno de estudos desta escola secundaria, o estudante matricular-se-á na Escola Normal, mediante recommendação do director da escola e seus resultados geraes.

As escolas normaes offerecerão curriculos diferenciados para os professores de escolas urbanas, professores de escolas ruraes, e, si possivel, para professores de escolas secundarias e de materias especiaes das escolas elementares.

Essa segunda parte dependerá do que se decidir a respeito de educação secundaria e das limitações



das proprias instituições do ensino normal, com respeito a local, congregação, aparelhamento e facilidades geraes.

Os primeiros annos dessas *novas* escolas normaes não serão estabelecidos antes de 1936.

Durante esse periodo deviamos construir os edificios e *preparar* os professores para essas Escolas Normaes. O successo da organização dependerá inteiramente da *efficiencia* e *especialização* desses professores, incluindo-se entre elles os das *escolas de applicação*.

Essa preparação, muito provavelmente, não poderia ser obtida no Brasil. Seria necessario mandar ao estrangeiro duas turmas de estudantes. A primeira para se especializar no ensino primario e a segunda para o ensino do curso normal. Esses ultimos professores serão, porem, alguma coisa mais que professores do curso normal, porque exercerão ainda a função de inspectores da pratica de ensinar (*critic teachers*.)

Com isso, não somente se economizará no plano geral da escola normal, como se facilitará a integração necessaria do trabalho das escolas de applicação com o trabalho do curso normal propriamente dito.

Propomos o seguinte curricula para a preparação dos professores urbanos:

#### 1.º Anno

1.º Trimestre	Horas	2.º Trimestre	Horas	3.º Trimestre
Introdução á arte de ensinar	1	Psychologia	6	Meth. de ensino primario (numero) 5
Portugués	5	Litt. infantil	4	Meth. de ensino primario (estudo da
Biologia	5	Leit. e calligraphia	3	



semanaes		semanaes	
Hygiene pessoal e escolar	3	natureza e geographia)	5
Organiz. de bibliotheca	1	Hist. para a escola elem. e educ. civica	3
Orthographia	1 1/2	6 Artes industriaes	6
Musica	3	3 Musica	3
Canto coral	1	1 Canto coral	1
Ed. physica e jogos	3	3 Ed. phys. e jog.	3

## II Anno

Meth. de ensino primario (leitura)	5	Organiz. de cls. e technica de ensino	4
Meth. de ensino primario (linguagem e historias)	5	Technica de tests e escaas	2
		Conferencias de ensino	3
Bellas Artes	6	Sociologia e Problemas Sociaes	3
Canto coral	1	Legisl. escolar e systemas de educa-	
Educ. phys. e jogos	3	ção	3
Observação e Participação	6	Ed. phys. e jogos	3
		15 Artes	4

## Programma para a preparação dos professores ruraes

### Anno unico

1.º trimestre	2.º trimestre	3.º trimestre
Introd. á arte de ensinar	Arithmetica	5 Priac. de educa-
Português	1 Leitura e	3 ção
Geographia	5 calliphasia	Hist. e educ. civica
	4 Organiz. de cls. e technica de ensino	Estudo da nat. e agricultura
		Sociologia e Problemas da Vida Rural
		5



	Educ. de adultos	3		
	Pratica de ensinar	10	Educ. de saúde	8
Obs. e part.	5	Artes industriaes e	organiz. de biblio-	
Orthographia	2	aes	theas	4
Canto coral	1	Musica		1
Ed. phys. e jogos	3		Ed. phys. e jogos	3

Todos os cursos serão dados, tendo em vista a finalidade geral da escola: preparar tecnicamente um professor capaz de realizar a sua tarefa de mestre na escola urbana ou na escola rural, conforme os planos traçados neste estudo.

### SUMMARIO DAS SUGGESTÕES

1. Investigação cuidadosa dos problemas educacionais na Bahia. Os resultados desses estudos servirão de base para um programma educacional progressivo e de longa duração.
2. Expansão do systema escolar em um systema modesto de educação secundaria.
3. Revisão geral dos programmas. As necessidades locais e os interesses e aptidões dos alumnos serão os factores de orientação dessa revisão.
4. Aperfeiçoamento dos methodos de ensino.
5. Reorganização das escolas rurales, para cuidar-se intensivamente da educação adulta.
6. Reorganização das Escolas Normaes.
7. Criação de um *bureau* de investigações pedagogicas na Directoria Geral de Instrucção.



## Educação Cívica e Sociologia

Palestra do Dr. ISAIAS ALVES, pela  
Semana da Educação de 1929, no Ins-  
tituto Geographico e Historico.

Vibram nesta Semana de Educação Nacional, as almas dos mestres e dos discipulos, do vasto territorio do Brasil, para erguerem ao céu a prece mais ardente pelo progresso moral da nossa Patria. Tal é a traducção deste movimento de desejos, de aspirações collectivas, que irmanam todos os paes e os mestres na sublime visão do Brasil do futuro, grandioso no seu poder material, generoso e nobre na sua pacifica disciplina moral, encerrando, no solo feraz e agigantado, todas as raças das terras mais longinquas e casando com o ciciar das suas brisas os sons dos idiomas mais remotos da dulcissima lingua lusitana.

Bem hajam aquelles que iniciaram o despertar da consciencia popular, nesta propaganda tranquilla e efficaz, em que se appella para o amor dos paes e para a vocação dos mestres, seres que palmilham juntos a estrada das sublimes illusões e devotam coração e pensamento ao feliz transcurso da existencia dos filhos e discipulos a que elles dão a vida do corpo e a energia da alma.

Bem hajam, porque mui longe é a carreira do pensamento que se ha de transformar em facto, quando



por vezes o cerebro de que elle partiu já voltou ao seio da terra inexgotavel. Bem hajam, porque a semente da idéa é nesse terreno virgem do cerebro e do coração da mocidade, de cujo braço, intelligencia e sentimento tudo esperam as gerações cançadas do presente, ainda acorrentadas aos efeitos dos erros fataes e inevitaveis que nos legaram o cazarismo politico e o aviltamento do trabalho pela escravidão.

Bem hajam, porque o despertar de um povo não se faz de momento, e as preces que ora entoamos, durante a segunda semana de educação nacional, serão apenas o preludio da immensa orquestração de almas, cujas vozes acordarão para a lucta o gigante «deitado eternamente em berço esplendido.»

Cabe ao dia de hoje o estudo e apologia desse ramo moderno da cultura, que se costuma chamar educação civica e que tem soffrido todos os efeitos das inesperadas modificações da opinião, das vicissitudes dos regimens politicos, das alternativas das democracias revolucionarias e das autocracias absorventes. E' a educação que tem appellado para o indefinido sentimento de amor á Patria, educação cujos efeitos não teem sido notaveis no meio social brasileiro, onde a falta de corrente de pensamentos politicos systematizados teem tirado a base material indispensavel a todo processo educativo.

A educação civica tem sido entre nós uma continua adoração sentimental do passado, hoje bastante desmoralizado após as criticas que algumas obras irreverentes teem feito das personalidades maiores do nosso patrimonio historico. Alguns symbolos e trophéos do nosso heroismo passado teem sido expostos, ao lado dos grandes homens, ao mais dissolvente



sarcasmo, que lhes destróe o prestigio deante da mocidade e das massas populares. O riso dos scepticos e a ganancia dos livreiros teem triumphado da veneração ás mais gloriosas figuras da Independencia e do Imperio.

Nesse interim, apegam-se alguns aos poucos monumentos que nos ficaram, esquecidos que a energia da historia está nos actos e no caracter dos seus agentes, na influencia das suas doutrinas e dos seus exemplos.

Ficamos então reduzidos á contemplação extatica da tradição morta, que não transmite um estimulo, não desperta um sentimento energico, não conduz a alma para a lucta, mas ao contrario a faz retrahir-se para a saudade. Esse é o patriotismo do Norte, tão cheio de suavidade, de tão dolentes cantilenas, tão cioso das suas joias graniticas, de seus habitos e costumes anachronicos, tão capaz de grandes lances na guerra e tão efficiente na concurrencia economica do Sul, quanto paralyzado pelo ambiente em que nasceu, onde todas as energias se exgotam sem as compensações que nóvos methodos poderiam proporcionar.

Isso provém do clima e das idéas predominantes, preconceitos de toda ordem e sentimentalismo vago que adormenta e neutraliza.

Em vez dessa tradição morta, contemplativa, de um passado longinquo e nebuloso, cujos heroes a supposta critica historica desfigurou e amesquinhou, vejamos essa viva tradição do Sul, que não esquece o passado mas vive fortemente o presente, seguindo annos e annos o mesmo pensamento constructor, o mesmo idéal renovador, erguendo o Museu do pre-



sente e do futuro ao lado do museu do passado e das glórias avoengas.

Vejam os essa gloriosa tradição do ensino primário de S. Paulo, trabalho lento e perseverante de 39 annos ininterruptos, orgulho dos governos, dos professores e do povo, fortissimo ambiente de concentração moral em que a alma juvenil recebe os influxos de uma sugestão poderosa, seguindo, desperta, a estrada da vida, em que os moços continuarão o trabalho dos velhos, destruindo para melhorar, reformando para conservar.

Esta é tradição viva que precisamos formar, tradição dinamica e creadora, que não deixa fossilizar o passado e se não reduz á contemplação extatica dos avoengos. E o patriotismo fomentado e incendiado por essa tradição vivificante conduz os homens para as empresas grandiosas, nos campos agricolas e nas fabricas, erguendo monumentos ao trabalho humilde, que é mais nobre que o heroismo bellicoso.

Este é o ideal que nos deve conduzir como povo novo e votado ao mais glorioso papel no scenario das nações.

Lembremo-nos que, do Norte, demandam em ondas seguidas as paragens de S. Paulo, Paraná e Matto Grosso, milhares de corações anciosos, conitantes na promissão da terra longinqua. E lá essas almas, enrijadas pelo desconforto, derribam, cantando, florestas impervias, e plantam, no seio da mataria, fazendas, aldeias, cidades, que em breves decennios rivalizam-se com os centros mais ricos e civilizados do paiz. E esses debravadores do Sul, na melancolia da saudade do torrão natal, perguntam a si mesmos porque aqui não prosperam e porque foram buscar,



sob outros céos os dons que a natureza lhes concede, na terra que elles descobrem para o silvo das machinas e o fonfonar ãos automoveis.

E sonham então os saudosos filhos do Norte na quadra futura da nossa historia em que seus filhos ou seus netos virão trazer ao torrão dos avós, a actividade febril dos grandes centros, quando, algumas decadas mais tarde, a organização social e economica do Brasil meridional o tiver transformado em poderosa nação civilizada.

Mas é justo que esperemos por esses arredados tempos do futuro, em que os filhos emigrantes de hoje virão trazer a civilização e o progresso ás paragens semi desertas de onde fugiram os sertanejos vigorosos?

Devemos cruzar os braços e contemplar esse despovoar de cidades de lareiras frias e de campanarios silenciosos e esboroados, donde outr'ora, na quadra prospera do trabalho escravo, repiques festivos despertaram burguezes e campesinos que ostentavam riqueza e se recostavam á tarde a contemplar o céu, inscientes dos golpes da fortuna incerta?

Não foi a Bahia a mais prospera das provincias do Imperio, não foi ella o guia da politica e o mentor dos partidos, não foi ella que fez duvidar por algumas horas da fundação inesperada da Republica e não foi o seu valor que tanto encheu de receio a nação inteira, quando uma guerra nascida de preconceitos religiosos pareceu a todos surgir de um fanatismo monarchico que pretendia reviver o regimem decahido?

Não devemos todos nós apressar o movimento regenerador, adoptando os methodos em que o Bra-



sil meridional encontrou a solução dos seus problemas sociaes e economicos?

E quaes são as idéas fundamentaes que dirigem os povos que augmentam de prestigio, impondo-se aos seus contemporaneos?

O eschema geral em que se encaixarão todos os propósitos organizadores é que a educação civica da mocidade e do povo deve ser feita á luz das conclusões sociologicas e não ao influxo de sentimentalismo que fossiliza a patria na adoração fetichista do passado.

Ora, a sociologia, summariando os ensinamentos das demais sciencias nos ensina que a eficiencia do homem depende da sua saude physica, de sua resistencia moral, e de sua habilidade profissional, tudo em perfeita correlação com o nivel intellectual e a capacidade esthetica de que o doutou a natureza.

Os modernos estudos pedagogicos fizeram concluir que a intelligencia e a saude se acompanham de muito perto e que a educação intellectual bem orientada em nada enfraquece a resistencia physica, augmentando-a muito ao contrario, porque habilitam o individuo a se adaptar mais facilmente aos dictames soberanos das leis naturaes. Por outro lado, as condições moraes do individuo, sua interpretação do bem e do mal social, sua eficiencia nos grandes momeritos de necessidade da familia, da cidade, da patria, dependem do systema nervoso que o anima. As raras excepções de formidaveis energias moraes em corpos debeis provêm da privilegiada rede de fibras que os enerva.

Dahi, a primeira conclusão da educação civica do nosso povo: a multiplicação de campos de desporte



onde se não faça a exploração commercial por meio de jogadores profissionaes, mas onde se revesem dia a dia grupos de gymnastica, de todos os jogos de bola, menos naturalmente o *foot-ball* que por muito pesado no nosso clima só em restrictos mezes de inverno deviam ser permittidos pela lei.

Este é o primeiro passo da educação civica e o mais facil, porque ainda contando com a resistencia dos paes, tem a seu favor toda a sympathia dos meninos, se bem que os rapazes sejam menos accessiveis ao verdadeiro sentido da educação physica.

Realmente, não é o jogo violento o mais util á saude physica, moral e mental; alem dos jogos mais suaves seria necessario interessar toda a mocidade na cultura systematica do corpo, pelos methodos que aqui não cabe estudar mas que fizeram a gloria da Grecia e criam no norte europeu a perfeita hygidez das raças escandinavas e fazem da joia cisplatina, a cidade dos jardins, a bella Montevideo, o mais bem organizado centro de cultura humana da America do Sul.

Fortalecidos physicamente, os jovens modernos comprehenderão com mais facilidade o heroismo dos desbravadores do sertão. Nada vale declamar, a seres debilitados pelo conforto requintado das grandes cidades, as façanhas dos avoengos formadores da patria. Só podemos comprehender o que sabemos ao menos em parte. A quem é fraco, a noção da força transmite a duvida ou o medo, que gera a fraqueza moral.

O segundo dever civico é preparar a intelligencia para augmentar o cabedal scientifico da sociedade e facilitar o funcionamento do mechanismo social pelo serviço prompto e pela redução ao minimo das resistencias ao progresso.



Grande numero das convulsões sociaes **provem** da imperfeita observação dos factos, pelo estudo unilateral da vida.

A educação intellectual foi por muito tempo e ainda o é, quasi por toda parte, uma **continua imposição** de convicções baseadas por vezes em **illusões** dos mestres.

A educação intellectual renovadora será **aquella** que habitue o joven a pensar depois de observar, a desejar somente o que estiver de accordo com **as leis** da natureza, dentre as quaes se acham **as leis sociaes**. A verdadeira educação intellectual deve **adoptar** o individuo ao ambiente, de modo que elle, **conhecendo** os recursos do bem, tenha forças para resistir e **dominar** o mal. Não é a aquisição passiva de **noções** consagradas, é a redescoberta dos factos que **impressionam** os sentidos, das cousas e das **consequencias** dos phenomenos, é a interpretação das relações entre o **homem** e a terra, entre o individuo e a sociedade, entre o cidadão e a patria, entre a **humanidade** e Deus.

Essa educação não se consegue com os **metodos** usuaes de nossa terra, em cujo horisonte apenas bruxoleia um novo ideal pedagogico. Corramos **para** esse pharól que se alevanta e consigamos mestres e discipulos, paes e governos da sociedade, mais **vitalidade** para a intelligencia, porque esse é o **grande** capital de um povo.

Não devemos permittir que os valores **intelle-**ctuaes se reduzam ás pretensas elites directoras.

Não basta formar grandes homens. Os grandes talentos são guieiros das gerações que **sucedem**; trazem o brilho estellar que illumina e **offusca**, mas



raramente beneficiam os seus contemporaneos. São prophetas, são evangelizadores; servem ao futuro, incompreendidos do meio que os envolve.

O que é preciso crear é uma larga distribuição da intelligencia, augmentando as possibilidades de esforço e as probabilidades de exito, diminuindo as causas dos erros e annullando as resistencias da tradição rotineira. A educação intellectual generalizada tornará mais propicio o ambiente para a acção dos grandes talentos, que se poderão comprehender mais facilmente, approximando cada vez mais o futuro, dynamizando de mais a mais a tradição avançando a multidão mais perto dos seus guias, que assim poderão prestar serviço ao presente.

O segundo dever da funcção civica do Estado é distribuir e incentivar uma educação intellectual, que eleve o nivel das massas até onde ellas possam ouvir, comprehender e seguir a voz prophetica dos seus grandes homens. Deixar a multidão viver na ignorancia é perpetuar a declamação vasia das idéas que ardem no cerebro dos grandes homens e parecem um sonho ou visão somnambulica ás massas ignaras, que as entendem, como as ramagens inquietas da mataria, o sentido dos ventos que silvam e os fazem farfalhar tempestuosamente.

O terceiro dever é preparar o cidadão para sua funcção economica.

Ganhar dinheiro é, na cultura classica, uma funcção sem nobreza. Ainda hoje quando procuramos o ouro sentimos que degradamos o talento. O «vil metal» não entra nas cogitações ostensivas dos homens geniaes, ou pseudo-geniaes.

Entretanto elles o amam e vezes muito mais



que os homens communs ou medianos. Só moderadamente foi que a confissão do valor do ouro veio dar novas directrizes á acção da intelligencia.

Um grande presidente dos Estados Unidos, falando do dever do trabalho para formar a riqueza, lembrou que o homem de poucos recursos não pode ajudar o proximo e a sociedade, como o homem que não sabe nadar não pode salvar o naufrago que elle vê debater-se em meio ás ondas, erguendo os braços em gesto de soccorro. Atirar-se ao mar, para tentar a salvação, seria loucura criminosa, porque, em vez de uma, seriam duas vidas a perder.

A conclusão a tirar é que um dos deveres fundamentaes do homem em sociedade é formar a fortuna pessoal, da qual provem a riqueza nacional, creadora do conforto, da saude, da ordem interna e do poder externo, elementos caracteristicos dos povos que devem ficar na historia.

Ganhar dinheiro para applicar no melhoramento do meio, eis um dos grandes deveres civicos que a mocidade deve enfrentar com decisão.

Adquirir os segredos de uma profissão, em que possam inspirar confiança e prestar serviços reaes, desde as mais humildes até ás mais elevadas carreiras scientificas, eis o grande dever, quando já vão muito longe os tempos em que os cavalleiros medievaes viviam do valor do servo da gleba, e os filhos dos senhores de engenho brasileiros descantavam na languidez das redes, enquanto o negro escravo tresuava no eito, ao som das cantilenas nostalgicas ou ao cahir cadenciado do chicote ardente do feitor.



Amar portanto a profissão e trabalhar com energia e serena firmeza eis o grande dever do cidadão brasileiro, na terra de compassadamente vasta, onde se devem multiplicar as manadas; alargar por sobre o terreno virgem, que a materia ensombra, as sementeiras que brotam generosas; erguer as chaminés fumegantes das usinas; fazer a via larga da civilização e levar ao poiso remoto do jaguar vencido, nos rincões de Goyaz e Matto Grosso, o marco miliar da nossa marcha para o progresso.

Patriotismo não é (renovemos o nosso grito para alguns iconoclata) a adoração fetichista do passado; é antes o sonho realisavel de um futuro de glorias. Trabalhar porem para o futuro não depende só do desejo. E' mister estar aparelhado para a empresa, afim de poder garantir a segurança dos capitães empregados e a tranquillidade dos collaboradores, desde os mais graduados até os mais humildes.

Ao lado das qualidades de character, ou sejam a coragem, prudencia, a modestia e a economia, o homem poderá prestar serviço á sociedade e á patria se conhecer bem a sua profissão, porque o desastre de uma empresa industrial, agricola ou mercantil, retarda muitas vezes por annos o progresso de uma região.

E esse desastre é quasi sempre resultante da incapacidade technica e profissional, que não permitiu conhecer todos os perigos a que estava exposta a empresa, delineada sob as inspirações de uma intelligencia forte e brilhante, mas imperfeitamente senhora das condições que levariam ao triumpho, E assim é tambem na politica e na educação, em que o nosso esteril regimen de autodidactas, tem produzido innu-



meras tentativas abortadas, para alcançar **exito limitado** com a perda de muita energia humana e muita resistencia metalica.

E' urgente portanto iniciarem os governos, do Estado, da Capital e dos municipios, **uma nova politica de soerguimento**, instituindo as escolas profissionais que são hoje uma realidade brilhante que honra o Brasil na terra de S. Paulo

Como ali, iriamos valorizar o operario, o agricultor, o commerciante brasileiro, que vamos dia a dia minguar no meio da onda crescente de estrangeiros, mais ambiciosos, physicamente mais fortes, professionalmente mais habéis. Sem isso, não poderemos transmittir aos nossos posteros a herança que recebemos dos avós e seremos fatalmente absorvidos pelo estrangeiro que enriquecerá á nossa custa, fazendo-nos apenas clientes de sua organização professional.

Não se deduza das minhas palavras que faço a apologia do mais rico. Um dos erros fundamentaes da civilização contemporanea é justamente considerar *melhor* o que é *mais rico*. Isto não é somente uma illusão do povo; as proprias organizações religiosas consagram os privilegios do mais rico. Desse erro sociologico tem surgido o duplo phenomeno do rebaixamento moral das classes abastadas que se aviltam no luxo, e a reacção de odio ao povo, que se sente opprimido e explorado.

Dahi a necessidade de elevar o nivel de capacidade economica do povo, afim de abrir a todos os intelligentes e professionalmente educados, oportunidade de subir e triumphar na concurrencia economica. Isso tornaria inuteis e insignificativos os preconceitos socialistas e communistas que atormentam os povos



cançados da Europa, pelo menos por mais de um século, no Brasil, enquanto as populações mais bem educadas fossem estendendo para o occidente os centros de trabalho compensador. Firmaria o regimen da paz, porque na tranquillidade do trabalho não acham echo os gritos desesperados das revoluções.

Eis ahi: dar educação civica ao nosso povo, é ensinar-lhe como trabalhar proficuamente, é treinal-o para a fabrica, para as explorações agricolas, para o desentranhamento das jazidas que dormem opulentas no seio da nossa natureza mineral.

Mas não nos illudamos com a supremacia da riqueza. Sem a energia moral da resistencia ao luxo, todas as nações se decompõem, desapparecendo nos turbilhões da historia. Roma é o exemplo desse arruinar lento de um povo que, da vida placida e modesta das fazendas agricolas, passou á ostentação do luxo das cidades, nas thermas e nos circos e nos banquetes sensuaes, em que bebiam perolas dissolvidas em vinagre e culminavam, na exquisitice de ostentação, pratos compostos de linguas de rouxinoes que mais docemente houvessem cantado.

Ao lado desses refinamentos depravantes do gosto, Roma se convenceu de que o trabalho não era respeitavel, de que a dignidade humana se mede pelo consumo correspondente ao conforto e luxo do individuo e não pelo resultado social das qualidades pessoaes, a ponto de nos dizer Mommzen que o cidadão que resistia ao suborno não era considerado um homem integro, mas um inimigo pessoal; num ambiente em que essa pobresa não era meramente a mais dolorosa desgraça e o peor dos crimes, mas a



única desgraça e o único crime. (Edward Ross—*Civic Sociology*.)

Surge portanto como decisivo factor da cultura cívica a educação moral e religiosa, no seio do lar, onde paes e filhos devem commungar nos beneficios e nas alegrias do trabalho.

A immensa crise social de hoje provem do abandono a que os paes deixaram os filhos. O pretexto da lucta pela vida, as allegações do trabalho profissional, as desculpas dos deveres sociaes, tudo são cousas desse afrouxamento da auctoridade paterna que é a base de toda a disciplina social. Esquecidos dos principios da Biblia, muitos paes não querem vigiar os filhos e lhes dão plena liberdade de escolha da conducta, porque esse mister lhes tiraria tempo que desejam applicar na caça desvairada do ouro. Aquelles que permanecem fieis ao sagrado dever paterno sentem ás vezes soar-lhe á consciencia um quer que seja de intransigencia e despotismo, que enfraquece a acção moralizadora da disciplina.

Entretanto não se faz mister o castigo. Como ficou visto ao falarmos da educação profissional, o grande regenerador da sociedade e tonificador da familia será o trabalho.

Existem sociedades paralyzadas ou francamente decadentes onde o trabalho não merece honra, á semelhança do que se dava na Roma tristemente legendaria da opulencia. Assim na China como na Malasia a gente da classe superior tem como symbolo de nobreza e prova de que não deshonram as suas mãos com o trabalho, longas unhas adelgaçadas, de seis, oito e até vinte pollegadas de comprimento, que encerram em delicadas caixinhas de prata.



Em um collegio missionario de americanos, um professor de engenharia teve de falar rispidamente para conseguir que os estudantes conduzissem as correntes e estacas, porque elles o consideravam trabalho de *coolies*, gente de raça inferior.

A estes exemplos tirados de *Civic Sociology* de Edward Alsworth Ross, da Universidade de Wisconsin, poderíamos juntar varios outros, referentes aos povos latino-americanos, onde os anglo-saxonios encontram sempre traços de inferioridade social, pelo desprezo que aquelles dão ao trabalho manual e ao esforço physico.

Exemplos na Argentina, no Mexico, em Cuba e Perú são bem parecidos com os que poderíamos referir de nosso meio, desse triste preconceito herdado da escravidão, por effeito do qual a sociedade se enche de empregados e funcionarios e se empobrece de mechanicos habéis e efficientes.

Entretanto como característica de inegalavel capacidade do americano de se bastar a si mesmo, bastará referir uma passagem da vida do homem glorioso que foi o «Christo dos Negros.» Eminente visitante estrangeiro encontra o Presidente Lincoln, escovando pessoalmente as botinas, na Casa Branca. «Oh Sr. Presidente! Como venho encontral-o limpando as suas botinas! «Como», replicou o grande emancipador, piscando os olhos, «que botinas queria o senhor que eu limpasse?»

Ahi se vê o traço do grande homem, que amando o trabalho manual, como regenerador da alma e do corpo, libertou os pulsos da raça negra das cadeias da escravidão e fez surgir, atraz de cada acampa-



mento dos exercitos victoriosos, uma escola em que o liberto adquirisse elementos para se tornar cidadão.

Aqui está o grande segredo da educação civica.

A familia brasileira precisa imitar os povos laboriosos que nos vão invadindo lentamente e para os quaes os trabalhos domesticos são deveres dos paes e dos filhos, cabendo aos creados somente os que a escola e a profissão não dão tempo de realizar.

Os pequenos trabalhos domesticos aguçam a intelligencia, adestram as mãos e trazem o prazer de uma missão cumprida. Prendem, alem disso, ao lar todos aquelles que concorrem para sua conservação e seu progresso. E não ha melhor meio de fazer o amar um lar, uma instituição, do que induzir um joven a desempenhar ali uma função constructora.

Ao lado dos trabalhos do lar, existem instituições sociaes, que se tornam agentes poderosos e indispensaveis á reeducação moral e physica dos jovens, em constante contraste com outros que dissolvem as energias e enfraquecem o character. Cada uma das correntes procura dominar a sociedade, tornando-se padrão da vida.

Aquellas são as igrejas, as escolas, as ligas de educação civica, as associações de escoteiros, os club de esportes hygienicos e, nos centros do sul e do estrangeiro, a Associação Cristian de Moços, os Centros de paes e professores. O outro campo dominam o theatro, os clubes sociaes de jogo e dança, os romances populares, os centros de puro divertimento e conforto.

Na lucta destes dois campos oppostos, a victoria decidirá dos destinos da sociedade. Se temos de formar a democracia e preservar a unidade nacional,



devemos ficar do lado dos agentes disciplinadores e duvidar muito do prestígio do luxo, do gozo e do brilho da riqueza como finalidade da existência.

No campo de cultura cívica ha uma razão final ao lado do objectivo moral-individualístico da educação. O civismo se baseia na democracia; a democracia será a forma politica em que a guerra terá as menores probabilidades de vir espalhar sobre os homens todo o sequito das suas desgraças. Fortalecer a democracia é propugnar pela paz. Mas o regimen democratico tem por base o trabalho. O trabalho de todos os cidadãos, sejam quaes forem os degráos da ingreme escala social das aptidões; o trabalho dos pobres e dos ricos, dos menos dotados de intelligencia e daquelles que a natureza galardoou com as scintillações estellares do genio; dos que amainam a terra ao passo cadenciado dos muares ou ao silvo dos tractores que arrastam dezenas de charruas e daquelles que manejam as multidões do centro dos gabinetes politicos ou das columnas serenas ou incendiarias dos jornaes. Em tudo, o trabalho dirigido pelo desejo de fazer o bem, de servir á causa da communhão social, de modo que a bondade, na sua miraculosa multiplicação do pão espirital, eleve as massas populares do meio catholico, coalhado de odios, em que vivem, a esse cosmos moral que é o sonho de todas as idades, onde a fraternidade universal irmanará os homens, fazendo-os ouvir, na harmonia das espheras sociaes, o canto de uma raça humana redimida na face duma terra sem miseria.



## DISCURSO

pronunciado pelo sr. Archimedes Pereira Guimarães, Director Geral da Instrução, por ocasião do almoço oferecido aos dirigentes da Federação Nacional das Sociedades de Educação, pelos membros da Reunião Educacional, realizada no Rio de Janeiro, de 20 de Setembro a 1.º de Outubro de 1930.

*Sr. Senador José Augusto*

*Sra. D. Celina Padilha*

*Sr. dr. Vicente Licínio Cardoso*

*Sr. dr. Ignacio Azevedo Arrabal.*

Nós que representamos os diferentes Estados da União brasileira junto à «Reunião Educacional», em boa hora promovida pela «Federação Nacional das Sociedades de Educação», estamos aqui, em volta desta mesa, neste ultimo dia em que nos vemos em fraternal camaradagem, para vos apresentarmos as nossas despedidas e, mais do que estas, o nosso agradecimento pela fidalga acolhida que nos reservastes.

Bem sabemos que mais tarde, na sessão solenne de encerramento desta troca de idéas e de informações, dirá a voz auctorizada do illustre Secretario da Instrução do Espirito Santo de todo o nosso contentamento pelo que nos foi dado aprender em dez dias



de proveitosas visitas a escolas primarias ou profissionaes, a museus, ao acampamento da Concentração Escoteira, ou ouvindo professores vossos, eminentes em suas respectivas especialidades.

O que agora desejamos tão somente accentuar é a galhardia de que se revestiu o vosso gesto: abrindo-nos as portas da vossa Federação permitindo-nos ajuizar abertamente da vossa ascensão, motivo do vosso orgulho que é também muito nosso; acompanhando-nos em magnificas excursões, talvez em prejuizo dos vossos proprios interesses particulares ou mesmo da vossa commodidade; offerecendo-nos, para nos facilitar o desempenho da tarefa a que nos impuzemos de levar para os nossos Estados o maximo de observações num minimo de tempo, toda a vossa prestimosidade sem par.

Vós, Sr. Senador José Augusto, sois para nós, educadores ou dirigentes da Instrucção em nosso paiz, o exemplo mais brilhante de uma vida toda votada ao serviço de uma causa nobilissima. Sois de uma dedicação a toda prova. Nós vos saudamos com calor, concitando-vos a proseguir sem desfallecimentos na vossa obra constructora, porque haveis de contar sempre com o apoio das almas bem formadas e intemeratas do Brasil.

Vós, Sra. d. Celina Padilha, mereceis esta homenagem da nossa admiração, seria excusado dizel-o, porque sois, sem desfavor, o dynamo que agitaes, aos nossos olhos, toda uma pleiade de batalhadores e de formosas intelligencias, que ao vosso commando obedece porque em vós aponiam os vossos dirigidos uma extraordinaria capacidade de acção.



Vós, Sr. dr. Vicente Licínio Cardoso, professor, pensador e publicista, mantendes na vossa Escola Polytechnica e na Federação Nacional das Sociedades de Educação, da qual sois um dos baluartes, o logo sagrado que movimentou, para a vida civil da Patria, aquellas cabeças fulgurantes de Amoroso, Tobias e Labouriau, que o mar, num dia glorioso, trouxe impiedosamente. Sois, com outros companheiros de jornada, um combatente da primeira linha, e nós vos abraçamos, gratos pelo cavalheirismo de vossa hospedagem.

Vós, Sr. dr. Ignacio de Azevedo Amaral, Presidente da União dos Escoteiros do Brasil, recebeis este almoço de confraternização, porque sois o chefe incontestado dessa campanha pela educação da nossa juventude nas bases legadas pelo grande Baden Powell. Pelo espectáculo confortador que apreciamos nos vossos acampamentos, podemos agora avaliar a pujança do nosso povo e da nossa terra, quando os ensinamentos que andaes pregando tiverem penetrado até o ultimo arraial do sertão brasileiro.

Mas esta exteriorização do nosso reconhecimento aos bons amigos da Federação na Capital da Republica não seria completa, se, aos nomes daquelles que de mais perto nos fizeram a honra de uma recepção, cujo encantamento jamais se apagará da nossa lembrança, deixassemos de juntar o da illustre senhora Ignacio Amaral, o do Commandante Jair de Albuquerque e os das professoras, distinctissimas que o são, Marina Magno de Carvalho, Honorina Gomes e Mercedes Dantas, confundidos como nos encontramos pelas suas atenções e desvelos para conosco.

Dona Mercedes Dantas, especialmente, do Espi-



rito Santo ao Amazonas, no seu apostolado, a nós do Norte, de nascimento ou de coração, conquistou-nos pelo seu entusiasmo communicativo e realizador, estimulando-nos a tomar parte neste certamen de bôa vontade que foi a «Reunião Educacional», finda a qual sentimos em nós, robustecida, a nossa fé nos destinos da Patria commum e crescida a nossa responsabilidade de educadores.

Certamen de bôa vontade, disse eu. Quizera ter ouvido phrase que com mais justeza se ajustasse ás nossas despretenciosas reuniões. Quizera saber de denominação mais convincente do que essa para o nosso propalado Congresso do que a de um certamen de bôa vontade. Evitando discursos, theses, moções ou actas, resolveu a Federação Nacional das Sociedades de Educação dar apenas um balanço nas condições e possibilidades do ensino em cada uma das nossas circumscripções. Nós não nos abalamos a vir ao Rio de Janeiro para trazer aos espiritos brilhantes desta cidade idéas novas. Nós não deixamos as nossas occupações para virmos embasbacar os collegas das provincias irmãs. Nós não viajamos longos dias para focalizar questões elevadas de pedagogia, de psychologia, de educação em geral. Trouxemos tão somente dados estatísticos verdadeiros e observaões peculiares a cada Estado. Demos, enfim, um balanço no que temos feito, no Brasil, em materia de instrucção primaria, normal e professional nestes ultimos annos.

Esse balanço, concreizado em suggestões, vos foi entregue, de par com uma documentação tanto quanto possivel completa, srs da directoria e do conselho deliberativo, para que, desse amontoado de idéas sãs faças brotar a luz de que necessitamos



para o Brasil occupar no concerto das nações, sem deslustre, o lugar que elle merece ter e que lhe compete «par droit de conquête et de naissance».

Pouco afeito a discursos, mais homem de acção que de palavras, penso, no entanto, haver expressado toda a nossa satisfação intima pelo termino feliz destes dez dias da mais cordial camaradagem entre vós, srs. dirigentes da Federação Nacional das Sociedades de Educação e nós outros, directores de Instrucção no Brasil, ou legitimos representantes destas auctoridades, ou aquelles que comnosco se irmanaram, como a figura inconfundivel de Renato Jardim, delegados sanitarios de S. Paulo e Bahia e os presidentes das associações dos professores primarios da Bahia e Rio Grande do Norte, todos os quaes vos offerecemos, de coração, esta festa de amizade.

Minhas senhoras e meus senhores:

Dando expansão aos nossos sentimentos affectivos, cumpramos, companheiros, o dever de erguer simbolicamente as nossas taças em prol da saúde dos nossos homenageados de hoje, em prol da felicidade de suas respectivas familias, em prol da prosperidade e do desenvolvimento da Federação Nacional das Sociedades de Educação, a qual almejamos sempre alerta na defesa do Ideal mais puro do Brasil!

---



## PELO IDEAL DA EDUCAÇÃO

Discurso pronunciado pelo Dr. Edgard Pitangueira, no dia 17 de novembro de 1929, paronymphando o acto da collação do gráo á primeira turma de professores da Escola Normal de Caiteté.

Chegastes ao termo da primeira etapa da carreira que escolhestes.

E não vos cansastes nesse trabalho preparatorio que exigiu uma prova de resistencia da vossa capacidade intellectual; percorrestes com segurança volitiva todo esse caminho por onde já passaram aquelles que amando, vos ensinaram e vos previniram as agruras e os tropeços da jornada; viestes com a alegria traductora do optimismo de vossa idade, nesse mundo do dynamismo das emoções dominantes e das idéas criadoras do ideal; parastes um instante no bivio refflorido e encantador que vos concita á peregrinação que alenta e conforta, que sublima e exalta a vida; trouxestes a fôrça e o pensamento, a bondade e a perseverança, a liberdade e o amor!

### O PRIMEIRO EXITO

Acabaes de receber as prerogativas que vos permittirão novo avanço para o ideal collimado; é o primeiro triumpho dessa arrojada investida que não



se detem e continua alçando o valor dos que lutam pela perfeição.

Este acto que agora testemunhamos, é a ultima lição que estaes recebendo nesta casa, é o coroa-mento do estagio em que o vosso espirito e a vossa intelligencia ganharam as credenciaes que a profissão de mestre reclama. Aprendemos e praticamos aqui, mestres e discipulos, os mesmos dogmas educativos e as mesmas virtudes sociaes, veneramos o nosso labor e purificamos os nossos defeitos, apuramos as nossas opiniões scientificas; mas realizamos com todos vós a mais nobre das experiencias da vida, que é viver nos outros. Assim vivereis em vossos mestres como elementos para a constante renovação de seu espirito, e tambem os vossos mestres viverão em vós, a cada passo e a cada movimento, nesse novo caminho que ides trilhar com as responsabilidades que se accumularão dia a dia, sem vos trazerem ressaibos nem tomentos; viverão elles nos valores que conseguirdes crear em vós e nos vossos discipulos; vibrarão na vossa palavra tonalizante, inspiradora e pura, com que alentareis as expressões dos vossos alumnos.

A educação não tem outro fim tão assignalado, tão distincto e tão conforme á natureza humana, que o de dar liberdade ao educando, alargar a sua intelligencia para a comprehensão da vida activa, de modo que se baste a si mesmo, a crear e a desenvolver as suas capacidades de aquisição e de entendimento.

A obra que ides realizar em torno desse ideal sumptuoso, senhores professores, é uma obra de amor; ella está contida, consubstanciada, na formação



da personalidade da criança, sobretudo a sua personalidade moral.

Instruir e educar sem desenvolver o espírito de solidariedade nas crianças, não é possível sem grave falha para a consagração do nosso patriotismo e para a nossa responsabilidade profissional. Esse espírito de solidariedade só poderá ganhar a sua eclosão proporcionada, si a educação, isto é, o soldamento dos laços da sociabilidade, se fizer na escola. A educação extra-escolar não tem a contextura corapleta, não evidencia, sozinha, a fôrça de fixar qualidades positivas que realizem a cooperação no pensamento, na vontade e no trabalho.

Depois de arraigado o espírito de solidariedade, por meio das comunidades escolares, surgirá então na criança, pouco a pouco, a formação de sua personalidade moral, que é na phrase de ROBERT DOTRENS: o individuo livre ao serviço da sociedade livre.

E não vos esqueçaes da recommendação de John Dewey: «os poderes espontaneos do menino e sua necessidade de realizar os proprios impulsos não podem ser suppressos de nenhuma maneira.»

E' necessario reagir contra o formalismo da escola contemporanea que ainda comprehende diversificadas as manifestações da personalidade infantil.

Bem perto do ideal andarà quem assim educar, porque a criança precisa ter o dominio de si mesma, adquirido pela educação da liberdade, fóra da obediencia passiva, vulneravel e ficticia.



## A LIBERDADE EM EDUCAÇÃO

Fazei de vossa escola o templo da alegria onde a vida seja compreendida e sentida pelos vossos alumnos, no trabalho que elles realizarem em commum, nas affirmações de sua actividade pessoal, na disciplina que impuzerem a si mesmos, guardadas as proporções de sua infantilidade, as correlações de sua experiencia e a somma de valores que adquirirem no trato social. Fazei de vossa escola a expressão genuina da liberdade de acção de vossos discipulos, que ella se caracterise pela educação activa, integral, tendo fundamento nas actividades physico-intellectuaes; que a actividade predominante, esteja a serviço do desenvolvimento do espirito de sociabilidade, em condições taes que a vontade individual das crianças oriente-se pelas necessidades do meio social em que vivem, em uma collaboração espontanea, mutua, onde as iniciativas avultem e mais tarde todos os trabalhos se especializem para a irradiação fecunda do progresso.

Na sublimidade da vossa missão vae se eternizando o trabalho mais notavel que tem atravessado os seculos todos, na ansia de trocar o homem o ideal educativo.

A liberdade que preconizamos não é absoluta, o que seria perigoso para a formação moral dos vossos educandos, pois a liberdade em educação não é um fim, mas um meio, porque só em liberdade as crianças exteriorizam as suas tendencias e as suas qualidades de espirito. Isto condiciona o aperfeiçoamento moral e intellectual do professor; é necessario que elle sancione com o exemplo, nos actos e nas pala-



vias, com a abnegação, com a nobreza e com a superioridade de seu character, essa liberdade orientadora que dá fórma ao character e fixa a sua tonalidade.

### A ESCOLA FOI FEITA PARA A CRENÇA

Não tenhamos duvida, não escureçamos esta verdade que paira nos dominios da sciencia: a escola existe, porque existe a creança.

O educador deve conhecer todos os principios scientificos que regem o crescimento physico, moral e intellectual da creança, que é um ser em formação especial, interessando-se tão somente pelo que decorre de sua actividade e vem preencher as suas necessidades inevitaveis e integradoras de sua evolução. A escola existe, onde dezenas dessas personalidades crescentes se reúnem, jogam, trabalham, positivam sentimentos e tendencias que despontam vigorosos, onde a cooperação de todos se caracteriza pela abnegação individual, pela satisfação das necessidades collectivas, dominando as necessidades de cada membro da communiidade; a escola existe, onde a disciplina está baseada na liberdade e cada escolar sente que não é u'a machina, mas «personalidade moral, membro de uma familia, cidadão de uma nação»; (PARISOT) a creança é «uma personalidade social.»

O professor é na escola um director de naturezas, um observador, um consultor em quem os alumnos depositam confiança e pedem orientação para os seus trabalhos.

E' em torno da creança que a escola se desdobra, toma esse aspecto de sinceridade, de suggestiva alegria, de realce em todas as manifestações da vida infantil.



## A ARTE DA EDUCAÇÃO

Ter conhecimento da sciencia da educação não basta ao educador; é preciso que elle tenha o segredo de agir, o dom de despertar as actividades da creança, a solicitude, o carinho, o dominio de si mesmo, «esta faculdade de penetrar na alma do menino este tacto necessario em uma situação dada, que são o alpha e o omega da arte educativa», no dizer conceituoso de WILLIAM JAMES.

O professor ou educador deve possuir a tecnica da educação, tornar-se encantado pela alma infantil, ensinar aprendendo, ter sempre a bondade para dar em troca de tudo, ter emfim a arte de suggerir ideas e de esculpir caracteres.

«O mestre da escola primaria, diz Kerschensteiner, não é nem um erudito nem um artista no sentido mais litteral da palavra.

Não é tão pouco um homem do typo theorico, nem do typo esthetico, nem o deve ser em absoluto. Dá-lhe uma alma nobre, cheia de amor e bondade, com sensibilidade profunda e attenção para todos os valores possiveis e especialmente para os valores da personalidade infantil, junto ao imprescindivel dominio da materia e achará a força de formação que necessita para administrar brilhantemente sua santa profissão.»

## NON MULTA SED MULTUM

Não é a quantidade de conhecimentos que os educandos precisam adquirir, não é uma educação instructiva que é necessario administrar-lhes, mas a qualidade de taes conhecimentos, a aprendizagem



pela assimilação e pela experiencia; cada creança deve encontrar em sua capacidade de agir o caminho que a conduza á solução de suas difficuldades.

Saber muito, de memoria, sem que o espirito tenha se apoderado das verdades dos factos, não é saber. As creanças aprendem fazendo, observando, experimentando, enriquecendo o seu espirito, augmentando o seu poder associativo, tendo, todos os dias, um mundo de novas impressões que se registram e se transformam; as creanças aprendem muito, sentindo, reflectindo, agindo, crescendo, enfim.

A insegurança do ensino está na aquisição de muitos conhecimentos ao mesmo tempo, sem que as idéas tomem fórmulas concretas e permaneçam associadas. Entre o mestre e os discipulos deve haver uma constante permuta de idéas, de considerações scientificas, de interesses que animam as pesquisas, as descobertas e as experiencias.

### A SUBLIMAÇÃO DO IDEAL

Como alcançareis o vosso ideal? Onde os meios que podereis encontrar para o exito dessa conquista do Bem? A victoria está na vossa vida interior, na vossa organização moral, na liberdade do vosso espirito, na pureza de vossas acções, na humildade de vossa alma, na candura de vossas virtudes, na eloquencia de vossos exemplos, na bondade de vosso coração.

Tudo isso é a sublimação do ideal educativo que se attinge pela belleza, pela harmonia de se estar concorrendo para a perfeição dos outros. O vosso espirito liberta-se das contingencias de uma vida ego-



ista, vasia, para dominar uma vida superior, de abnegação, encontrando a própria felicidade na felicidade dos outros.

Com a bondade e com os designios enraizados na afeição, com os successos alcançados pela brandura e pela compenetração em vossa dulcíssima profissão, não sentireis as difficuldades materiaes, nem se exgotarão os recursos da sciencia e da arte de penetrar sublimemente na alma da creança.

Na assumção de vosso espirito todos os valores crescerão com os vossos passos, com a vossa fé inabalavel, com a vossa peregrinação pelo mundo do bem.

Algum dia podereis repetir com Pestalozzi:

« Que dependa meu coração de meus meninos, que sua felicidade seja a minha felicidade e sua alegria a minha alegria; isto é o que os meninos devem ver em minha frente e ler em meus labios, desde a primeira hora da manhã até a ultima da noite. » Sublime o vosso ideal na redempção dos sacrificios do apostolado que exorta e enaltece a dignidade humana.

### A. POSSIBILIDADE DA EDUCAÇÃO

Disse Aristoteles que a arte e a educação acabam o que a natureza começou.

Muito poder têm a arte e a educação; organizam, transformam, cream, definem, concluem, mas requerem uma formação excepcional para a orientação desse valor apposto aos demais valores intrinsecos da natureza humana.

E' indiscutivel a possibilidade da educação; e em todos os povos e em todos os tempos, a educação



tem sido e será sempre a garantidora da fraternidade, a esperança do futuro, a obra perenne que os povos legam aos seus successores.

A educação tem os seus principios fundamentaes na propria creança para quem não existe o pessimismo, nem tem o coração envenenado por tão de-negrada doutrina.

Basta que estudemos o character nas suas multip-las modalidades á luz das diversas doutrinas, e ve-remos o quanto ainda pode a educação modificar ou transformar a natureza humana. Aqui não é o logar proprio para a discussão de tão importante questão pedagógica.

A educação impulsiona, repara, inflúe, transmuta e crystalisa a acção humana; a creança, moldavel em todas as suas condições, sempre de intelligencia aberta ás conquistas moraes, ama a sua liberdade que e, talvez, o problema mais difficil e mais serio que os methodos e systemas educativos têm encon-trado em todos os tempos.

A educação é possível, ella é na escola a pro-pria liberdade da creança, tomada pelo indice do ca-cter que é o ponto mais elevado a attingir.

Educa-se o individuo que sente, pensa e quer, sem detrimento de sua liberdade, sem prejudicar a liberdade dos demais membros da collectividade a que pertence.

Acreditaes, meus jovens conterraneos, na influen-cia indefectivel da educação, despertando e contro-lando as acções e reacções da natureza humana.

A mais elevada perfeição do espirito está em saber conduzir-se nas difficuldades que superam e assoberbam a vida. Para o professor ou educador



não existe desanimo, nem situações *delicadas* que não sejam resolvidas, nem impossibilidades, nem circumstancias que paralysem o surto desse enthusasmo pela alma infantil, sempre mais completa e mais subtil.

A criança tem no seu riso um magico poder, na sua fala um encanto que entenece, nos seus olhos a attracção que domina e seduz. O professor viverá com ella em permuta constante do que ha de mais nobre e mais real na vida; a creança vae aprendendo a ter conhecimento de suas forças, a realizar as suas experiencias, crescendo e vivendo em contacto com as realidades.

Professor e alumno se integram nessa convivencia feliz, em que o primeiro deve ter sempre em vista o respeito á personalidade do segundo, surgindo, em um, a satisfação immensa de ser querido e comprehendido, em outro, a alegria san de descobrir e penetrar a verdade.

### AMAE AS CREAÇAS

Escutae a vóz interior que vos concita a novos empreendimentos e novas jornadas em busca do ideal.

Olhae para a immensidade da obra que ides executar; ella é infinita, ininterrupta, eterna.

Dae a educação as veras todas da vossa existencia, que ella seja a vossa esperança e o vosso consolo, a perpetua alegria de vosso coração.

Amae o Bello e cultivae-o na intelligencia das creanças; a Belleza elevou a humanidade, deu-lhe a força moral e o prestigio do querer, atravessou os



seculos e empolgou todas as raças, creou no pensamento a energia da Forma e deu-lhe a grandeza incommensuravel da eternidade.

Educae o pensamento de vossos discipulos e tereis aprimorado o principio basico da vida de solidariedade e de Belleza.

Amae a vossa escola, amae as creanças e fazei-vos amar por ellas.

A educação é uma obra de amor. Este amor é o postulado da vida de quem delinea, prepara, organiza e anima o futuro da Patria.

Amae as creanças, porque só com o amor podereis libertal-as.

Sois as premissas deste apostolado, sois os primogenitos desta escola; a saudade que neste instante punge o nosso coração ha de se transformar em contentamento, quando tiverdes iniciado vossa missão e o echos da vossa predica reboarem pelos sertões bahianos.

Ide, despertae todas as intelligencias, derramando a amphora do saber e sentindo felicidade na felicidade dos outros.

Ide, e levae desta casa a coragem e o exemplo, a fé e o sacrificio de vossos mestres.

Ide, e, na serenidade de vossa consciencia de educadores, cumpri o vosso dever.



## Notas sobre o ensino artistico na Bahia

*José Nivaldo Allione*

Somente os corações levados por amor ao bello é que podem comprehender a arte. Somente os espiritos bem formados na harmonia dos sons, ou na harmonia das linhas ou na harmonia das cores, quer pelos seus contrastes vivos, quer pelos tons esmaecidos, são aquelles que sabem viver pela arte e pelo amor da arte.

A arte, esta manifestação divina que tanto enleva os nossos sentimentos, é o conjuncto de conhecimentos e de meios especiaes á realização de uma concepção. Quando a sciencia se esteriliza pretendendo ultrapassar o seu papel, ou a sua funcção, a arte, ao contrario, cria indefinidamente, combina elementos e compõe.

A pintura, cujos primordios no Lyceu de Artes e Officios não surtiro effeitos, passou para a Escola de Bellas-Artes, recém fundada por uma pleiade de abnegados, dispostos, como soe acontecer, a lutar com toda a sorte de difficuldades. Aos poucos se foi desenvolvendo, attingindo mais tarde o ensino de desenho e pintura do nú. Surgiu o ensino da escultura e o da musica com a criação do Conservatorio annexo á Escola de Bellas Artes. A architectura, « que inventa as combinações das linhas e da superficie, das salien-



cias e dos espaços decorativos», teve um curso interrompido varias vezes e produziu minguados fructos, com grande prejuizo para o nosso meio, onde existiam poucos especialistas na materia.

A pintura progredio com mais facilidade, apesar da difficuldade do meio onde nem sequer se vendia um quadro de autor. A escultura atravessou um grande periodo cheio de falhas e a architectura soffreu uma paralyção por muitos annos.

O Conservatorio separou-se da Escola de Bellas Artes e adquiriu um predio proprio.

Houve dois grandes entraves que impediram maior desenvolvimento do ensino: a falta de recursos e o indifferentismo do meio.

Após esta synopse, voltamos a repetir a mesma idéa que toda vez posto em pratica algum conhecimento ou concepção, ha realização de arte: quando entra no campo pratico das realizações humanas, não só enaltece as nações, como lhes traz magnificas vantagens.

Grandes paizes como a Inglaterra poderam debellar crises difficeis, sob o ponto de vista financeiro, desenvolvendo o estudo das artes, com especialidade o desenho.

O desenho, conhecimento indispensavel em qualquer profissão, não era sequer ensinado nas nossas escolas primarias. O desenho a mão livre, pouco cultivado no nosso meio, requer um desenvolvimento muito mais intenso.

Reconhecida a efficiencia do estudo das artes cumpre aos governos a criação do patrimonio necessario para o seu ensino, assim como a educação conveniente do meio.



No momento, a **Escola de Bellas-Artes**, apesar da deficiencia de recursos, está mantendo regularmente os cursos de **architectura** piniura e **escultura**, e o governo actual do Estado acaba de reconhecer os diplomas.

A sciencia com o *controle* formidavel dos acontecimentos dos factos, para a sua eficiencia, faz mister do concurso das artes. E a historia nos mostra os super-homens, os artistas em suas obras monumentaes, muitas dellas não ultrapassadas até hoje.

E os paizes *leaders* da humanidade procuram ardentemente levar o culto das artes á culminancia sem par do seu valor.

Na Bahia, entretanto, onde ha mais de meio seculo que vem sendo administrado o ensino das Bellas-Artes, conforme os methodos adoptados pelos povos adiantados, suggerimos as seguintes idéas:

—Para as escolas maternas (*jardins de infancia*) o emprego do som como principal elemento para o ensino ao par da educação dos órgãos visuaes.

—Para as escolas primarias, primeiro e segundo graus, o desenho, trabalhos de modelagem e manuaes, a musica instituindo os côros com incentivo do concurso dos *orpheons* entre as varias escolas, o habito do ritmo como ensino conveniente da dança e gymnastica.

—Para o ensino secundario o programma precedente com desenvolvimento adequado.

—Para o ensino superior, de accordo com os cursos especializados: o ensino polytecnico, o desenho com a sua função de maior importancia (*mão livre, orthogonal, etc.*)



No ensino medico, applicado na necessidade do estudo em geral, no juridico, onde parece que não tem directamente grande influencia, o conhecimento do desenho vem prestar grande auxilio, facilitando a exposição dos factos e o esclarecimentos dos argumentos.

« As bellas artes, a pedra de toque das civilizações antigas e modernas », precisam obter o desenvolvimento necessario á altura da civilização do povo brasileiro, onde tudo convida a estes estudos: a flora, o systema orographico, a musica de innumerous passaros, enfim todos os elementos nos ajudam a ser habéis artistas, condição indispensavel, muitas vezes, para a vida cada vez mais complexa, cheia de concepção e realizações.



## A festa da arvore em Cannavieiras

Discurso pronuncado pelo dr.  
Pedro Baptista Peres.

Ilm.º Sr. Intendente Municipal.

Ilm.º Sr. Delegado Escolar.

Exmos. Professores.

Minhas Senhoras e Senhorinhas.

O motivo da inclusão de meu nome, no programma desta festa, é muito simples e natural. E' que sou agronomo e, agronomo, devo conhecer o segredo intimo da vida das plantas e o seu papel no concerto universal.

Não corresponderei á vossa expectativa, si ella fôr optimista, mas mesmo assim entendo que todos nós, na medida de nossas forças, devemos contribuir com o nosso pequeno ou grande auxilio ás grandes coisas; cantar, louvar, como podermos, tudo aquillo em que Deus poisou sua mão maravilhosa, seja na graça, no perfume d'uma flor, na innocencia d'uma criança, ou na seiva, nas folhas nos fructos, no seme, na semente d'uma Arvore.

Nem por outro lado poderia me faltar á honra insigne que me confere o supremo chefe do municipio, que com tanto carinho patrocina esta festa, cele-



gando-me poderes para vos falar em seu nome, cuja deferencia sobremodo me penhora.

Senhores: o Regulamento da Instrucção Publica do Estado, num largo gesto de justiça e educação patriótica, instituiu a «Festa da arvore», e a instituiu a 21 de Setembro, precisamente no equinoxio da Primavera quando, dividindo a terra ao meio, os primeiros raios vivificantes de sol tangenciam a linha equatorial, no mez em que os prados reflorescem e a Arvore, rainha excelsa da floresta, desperta do lethargo profundo do inverno, ás bençãos do sol, sentindo a vida renovar-se na seiva elaborada pela chlorophylla das folhas, e vae pouco a pouco reverdecendo e engrinaldando a copa magestosa, templo rude em que se elevam aos Céos os mais ardentes canticos de amor pelas gargantas senoras dos minusculos cantores alados das selvas.

E é nesse dia, Senhores, que nós tambem, humildes filhos de Deus, vimos trazer a nossa prece de amor e de carinho áquillo que se fez demais bello e util no mundo — A ARVORE. --

Diz um antigo proverbio que o homem, para morrer, deve deixar um filho — um livro — e uma arvore.

Nada talvez mais profundo do que esse pensamento, que melhor synthetize o papel do homem sobre a terra. Porque isso tudo, meus senhores, significa a evolução a continuação da existencia e portanto do mundo. Quem sabe d'onde veio e para aonde vae?

Sabe-se apenas que o mundo é a continuação, a evoluçã. *Um filho*, é a nossa evolução e ao mesmo tempo a continuação do nosso ser, de nossa familia; *um livro* é tambem nossa continuação através as



gerações que se succedem, a evolução dos pensamentos, o grito das ideias que não morrem, porque «ideias não são metaes que se fundem»; *uma arvore*, senhores é tambem a evolução, a continuação da natureza e portanto do mundo, porque, se destruíssemos as arvores, destruiríamos os principio das leis universaes. Sem as arvores, as fontes secariam, a terra reseçada, calcinada pelos raios ardentes do sol, provocaria as correntes impetuosas de ventos que devastam nossas culturas e arrasam nossas casas; os climas se desequilibrariam; as temperaturas extremas se elevavam e as chuvas diminuiriam; vêde as seccas impiedosas dos sertões desnudos e a pluviosidade das zonas florestaes; as aguas torrencias, cahindo no alto das montanhas, sem o amparo das folhas que as retém em grande porcentagem e as devolvem á athmosphera em forma de vapor, rolariam impetuosas trazendo na caudal a terra e as rochas que as raizes não mais prendiam, invadindo cidades, aterrando rios, e aterrando culturas; os lençóes subterraneos, avolumando-se exageradamente, sem a evaporação das florestas, romperiam á flor do solo onde as condições topographicas e geologicas permitissem, formando pantanos collossaes, aguas estagnadas aonde pululam e proliferam os microbios das febres palustres; a athmosphera, sobrecarregada de acido carbonico, tornaria a vida insupportavel nos grandes centros de aglomerações de povos.

Todos aquelles historicos paizes da velha civilização européa, que devastaram suas florestas na febre doida dos negocios e na ambição desmedida do oíro, voltaram a replantal-as, e apprehenderam que *não se póde abater uma arvore sem que se plante*



*uma outra.* Derribar uma arvore alheia ou mutilal-a, é um crime do Codigo Penal, de 6 dias a 6 mezes de prisão, legislação da grande Republica Franceza.

Meus senhores, Meus amigos, Creanças lindas que me ouvis! Que ha de mais bello e mais util no mundo do que a Arvore. A Arvore, meus amigos, é tudo na nossa vida: o fructo que nos alimenta, enriquecendo nosso organismo de acidos e vitaminas, a folha, a casca, a flor, que suavisa nossas dores e reconduz nossa saúde; o soalho em que pisam nossos pés e o tecto que nos agasalha; a porta que fecha nossa casa e o lume que aquece nosso lar e faz nossos alimentos; o leito em que repousamos e o vehiculo que nos transporta a grandes distancias; a cruz em que expirou um justo, Jesus Christo, e o pelourinho em que se enforcou um traidor, Judas Iscariote; o berço que nos embala o corpo debil nos primeiros raios de vida e o esquife negro que nos conduz á cova fria do nada!

Por, isso meus amiguinhos, creanças que me escutaes, nunca maltrateis uma arvore, nunca lhe arrebateis os galhos, as folhas, inutilmente; não lhe mutileis o tronco, os fructos, as raizes: elles são bem necessarias á vossa existencia, como o pão, lume e o lar; ellas sentem como vós o mal que se lhes fazem: ellas tambem tem alma como vós, gritam estalam, assobiam, choram ao vento ingrato que as açoita.

Plantae, quando puderdes, uma Arvore, por que vós enriquecereis a natureza; elle será no mundo a vossa melhor companheira, vos abrigará dos calores suffocantes quando vier a capicula inclemente, vos offerecerá o alimento são de seus fructos quando



tiverdes fome. Aprendei com as **Arvores** a grande lição de solidariedade dos seres, de associação dos individuos. Vêde a floresta secular: nada pede á intelligencia do homem, vive eternamente se renovando na propria transformação em humus das folhas, dos troncos e dos fructos que caem.

A **Arvore**, meus amigos, é o que ha de mais santo, mais bello, mais sagrado no mundo. O homem, rei da criação, inveja o seu destino, e exclama, na tristeza e na anciedade do seu completo anniquilamento poraquellas palavras de Zeferino Brasil, poeta de minha terra:

Oh! Natureza grande e poderosa!  
 Tu que a existencia fazes e a desfazes,  
 Que dás vida á materia e vida aos gazes,  
 Que és boa e má, que és treva e luz radiosa;

Porque me não fizeste, ó Mãe Piedosa,  
 Da mesma argilla de que tudo fazes  
 E em vez do homem, preso a angustia, trazes  
 Um cedro altivo da floresta umbrosa.

Homem, materia vil, a morte, um dia  
 Virá, cedo talvez, e desgraçado  
 Ao nada voltarci da terra fria

E cedro, eu morto, ainda serei, no entanto,  
 Talvez um leito, um berço de noivado.  
 Ou quem sabe se a imagem d'algum Santo.



## RELATORIO

apresentado á Assembléa Geral da Associação Bahiana  
de Educação pelo  
SECRETARIO GERAL,  
em 2 de Abril de 1930.

---

*Sr. Presidente:*

*Srs. consocios da Associação Bahiana de Educação:*

Pela segunda vez cumpro a obrigação de me dirigir aos nobres consocios da Associação Bahiana de Educação, na expectativa de que este relatorio terá a aprovação de todos quantos acompanharam, mez a mez, a acção ainda incipiente, porém, promissora, do antigo departamento da Bahia da Associação Brasileira de Educação.

Serei tão breve quanto possivel. Mais valem os factos expostos succintamente do que as palavras perdidas que aqui ficariam escriptas.

### CONSELHO DIRECTOR

Reuniu-se o nosso Conselho Director, no lapso de um anno, nove vezes.

Em 22 de Abril de 1929, sob a presidencia da professora Amphrisia Santiago, e a cuja sessão compareceu o dr. Vicente Licinio Cardoso, grande pioneiro



da educação no Brasil, que então disse bellas phrases de incitamento para os nossos planos de acção. Na mesma reunião foi lido um telegramma de Caieté, relativo á fundação de um departamento da nossa sociedade na Escola Normal da mesma localidade sertaneja. Ahi tambem se lançou a idéa, hoje realidade, da publicação de uma « Revista de Educação » e discutiu-se a necessidade da elaboração de theses para o Congresso de Educação de S. Paulo.

Em 3 de Julho passado houve lugar outra reunião, sob a presidencia do dr. Alfredo Ferreira de Magalhães, que fez um relato do que se passou no trimestre fecundo em que dirigiu o conhecido educador a nossa Associação. De facto, deve-se ao illustre director da Escola Normal uma acção preponderante no desenvolvimento das palestras que seguidamente estiveram a cargo dos drs. Francisco Hermano de Sant'Anna, Francisco de Magalhães Netto e Edgard Ribeiro Sanches. Na mesma sessão tomou-se conhecimento da visita á Bahia de uma embaixada academica paulista, dirigida pelo dr. André Dreyfus, da Faculdade de Medicina de S. Paulo e da Associação Brasileira de Educação. O dr. André Dreyfus, graças ao valioso auxilio do dr. Francisco de Magalhães Netto, fez, no dia immediato, no salão nobre da Secretaria da Saúde e Assistencia Publica, notavel conferencia sobre a Doutrina Mendeliana e a Evolução.

A 15 de Agosto, sob a presidencia da professora Amphrisia Santiago, reuniu-se o Conselho Director, discutindo-se assumptos de interesse geral, como os que se referissem ao Congresso de Educação de S. Paulo e ás comemorações da Semana de Educação.

A sessão seguinte realizou-se a 2 de Outubro,



orientada, a principio, pela professora Amphrisia Santiago, cujo mandato terminava nesse dia, pelo que o dr. Americo Furtado de Simas dirigiu a ultima parte dos trabalhos. Toda a tarde foi dedicada ao programma das festas, visitas e prelecções da Semana de Educação, a responsabilidade de cujo exito fôra dividida por differentes commissões de membros do Conselho Director, da seguinte fórma:

«Segunda-feira, 7 de Setembro, dia da Educação Domestica:—professora Amphrisia Santiago, drs. Adolpho Frederico Tourinho e Ernesto Carneiro Ribeiro Filho.

Terça-feira, 8 de Setembro, dia da Educação Intellectual: drs. Jayme Junqueira Ayres, Epaminondas Torres e Francisco de Magalhães Netto.

Quarta-feira, 9 de Setembro, dia da Educação Profissional:—drs. Archimedes de Siqueira Gonçalves, Americo Furtado de Simas e Paulo Pedreira de Cerqueira.

Quinta-feira, 10 de Setembro, dia da Educação Physica:—drs. Alfredo Ferreira de Magalhães, Herbert Parentes Fortes e Antonio Augusto Machado.

Sexta-feira, 11 de Setembro, dia da Educação Artistica:—drs. José Nivaldo Allioni, Francisco Hermano de Sautanna e professora Zulmira Meirelles Torres.

Sabbado, 12 de Setembro, dia da Educação Civica:—drs. Joaquim Reis Magalhes, Isaias Alves de Almeida e Octavio Fontes de Faria.



Domingo, 13 de Setembro, dia da Educação Moral:—drs. Arthur Newton de Lemos, Joaquim Faria Góes Filho e professora Alzira de Lourdes Assis.»

Em 29 de Novembro, sob a direcção do dr. Americo Furtado de Simas houve outra sessão ordinaria, na qual se discutiu a attitude que deveria assumir o departamento da Bahia da Associação Brasileira de Educação, em face das divergencias surgidas no Rio de Janeiro das quaes resultou a fundação da Federação Nacional das Sociedades de Educação. Deliberou-se por maioria de votos fazer-se a nossa desligação da A. B. E. do Districto Federal, para o que se iria proceder á necessaria alteração dos estatutos sociaes.

A 20 de Dezembro, expressamente para esse fim, o Conselho Director esteve outra vez reunido, elaborando-se, então, um projecto de Estatutos para a Associação Bahiana de Educação que foi submettido á Assembléa Geral.

A 2 de Janeiro do corrente anno, passou o dr. Americo Furtado de Simas a presidencia do departamento ao dr. Joaquim Ignacio Tosta Filho e a 16 do mesmo mez já se reunia o Conselho Director para tomar conhecimento do programma de acção do novo Presidente. De facto, o dr. Tosta Filho lembicou a urgencia de se crearem as secções permanentes de ensino primario, secundario, normal e profissional; discorreu sobre a necessidade de se intensificar a propaganda dos sellos educacionaes; e apresentou o programma das proximas conferencias.

Desta ultima sessão do Conselho Director publicou o Diario Official a noticia circumstanciada da qual transcrevo o seguinte trecho:



## Deliberou-se:

1.º) intensificar a propaganda para a aquisição de novos associados, para augmentar o quadro social, que é, presentemente, de uns cento e trinta membros quites com a thesouraria;

2.º) agitar o nosso meio escolar, no sentido de se vender quanto antes os sellos pro-educação, que foram distribuidos pela Federação Nacional das Sociedades de Educação, por todo o Brasil, cabendo á Bahia cinco mil, por ora, cuja renda reverterá, numa proporção de 35 %, em beneficio da Associação Bahiana de Educação;

3.º) publicar o segundo numero da Revista de Educação;

4.º) crear a secção permanente de ensino primario, cujo organizador será o dr. Joaquim Faria Góes Filho, continuando a secção de ensino profissional a cargo do dr. Americo Furtado de Simas, a de ensino normal sob a direcção do dr. Alfredo Ferreira de Magalhães e a de ensino secundario com o dr. Joaquim Ignacio Tosta Filho.;

5.º) fazer novos cursos de divulgação scientifica.»

Finalmente, a 13 de Fevereiro reuniu-se novamente o Conselho Director. Foi lida em sessão uma representação que ao Governador do Estado dirigira a Associação, solicitando providencias para que sejam pagos os professores do Interior do Es-



tado pelas collectorias e não somente pelo The-  
souro da Capital e ali mesmo se dirigiu um appello  
aos mestres bahianos para que coliaborem nas theses  
que serão debatidas no Recife, em Setembro proximo.

### PALESTRAS E CONFERENCIAS

Aos professores Francisco Hermano de Sant'Anna, que no mez de Abril e na Escola Polytechnica, discorreu, em quatro aulas, sobre o problema da «Orthographia»; Francisco de Magalhães Netto, que, no mez de Maio e no Instituto Geographico e Historico, fallou, em cinco palestras consecutivas sobre questões de Hygiene, Educação e Eugenia; Edgard Ribeiro Sanches, que, na Faculdade de Direito, entre Junho e Julho, explarou-se sobre os modernos conceitos da Psychologia e da Educação, lançando a idéa do laboratorio de psychologia, como unico processo rigorosamente scientifico, em cinco instructivas conferencias; André Dreyfus, assistente da Faculdade de Medicina de S. Paulo, que, na Secretaria de Saúde e Assistencia Publica e numa só magnifica palestra discursou sobre o Mendelismo e a Evolução; succedeu o deputado Pedro Calmon que escolheu os seguinte temas para as suas conferencias:

I — A educação collectiva e o espirito tradicionalista.

A Historia e o caracter nacional. A formação do cidadão.

II — A educação popular e o espirito economico.

III — A educação popular e o espirito politico.

IV — A educação popular e o espirito juridico.



A primeira serie de palestras no corrente anno, esteve a cargo do dr. Antonio Figueiredo, engenheiro e professor, que discorreu sobre a «*Finalidade do Ensino da Geographia nos Cursos Secundarios*».

As suas aulas foram dadas na «Escola Ursula Catharina» ás 16 horas, nos dias 2 e 30 de Janeiro e 6 e 13 de Fevereiro, respectivamente e obedeceram ao seguinte programma:

Dia 23 — Vulgarização do conceito scienciífico da geographia moderna. Proeminencia do seu papel educativo. Lugar da geographia descriptiva.

Dia 30 — Preparação previa nas classes primarias para o estudo nos grãos superiores. Methodo do ensino daquella disciplina nos primeiros grãos em face das possibilidades de nossa organização escolar.

Dia 6 — Methodo sciencífico, inductivo por excellencia, no ensino secundario da geographia. — Valor do compendio e a sua escolha. — Lugar da cartographia.

Dia 13 — A geographia patria. — A obra incipiente de Delgado de Carvalho e a necessidade de correr ao encontro de suas suggestões no tocante ao abandono da rotina. Estudo comparativo dos processos rotineiros e dos que preconizam a sciencia geographica moderna.

#### EXPEDIENTE DA SECRETARIA

Entre outros officios recebidos ou transmittidos pela secretaria da Associação Bahiana de Educação e antes pelo departamento da Bahia da Associação Brasileira de Educação, é de conveniencia que se accresceme, neste relatorio, copia daquelles que mais importancia merecem:



Bahia, 24 de Agosto de 1929.

Illm.º Sr. Dr. Joaquim Ignacio Tosta Filho,

*Nesta*

Tendo conhecimento de que fostes designado pelo dignissimo Governador do Estado para serdes conjunctamente com os srs drs. Anisio Spinola Teixeira e Isaias Alves de Almeida, um dos delegados deste Estado na 3.<sup>a</sup> Conferencia Nacional de Educação, a se reunir em S. Paulo, em 7 de Setembro, venho, em nome do departamento da Bahia da Associação Brasileira de Educação, convidar-vos a, numa acção harmonica com os vossos companheiros, representar este departamento na alludida Conferencia.

Peço-vos, outrosim, caso aceiteis esta incumbencia, a fineza de acompanhar com interesse todas as medidas que forem propostas, no Congresso, de utilidade para maior expansão deste ramo da Associação Brasileira de Educação, bem com estudar as as divergencias havidas entre alguns membros da A. B. E. do Districto Federal, das quaes resultou a fundação recente da Federação Nacional das Sociedades de Educação, afim de que o departamento da Bahia possa tomar para o futuro, a orientação mais acertada.

Apresento-vos os meus protestos da mais subida consideração e estima,

A Presidente—*Amphrisia Santiago*

— —

Identicos foram dirigidos aos drs. Anisio Spinola Teixeira e Isaias Alves de Almeida.



Bahia, 27 de Agosto de 1929.

Dr. C. de Mello Leitão.

Presidente da Associação Brasileira de Educação.  
Rua Chile, 23 – 1.º andar.

*Rio de Janeiro.*

De ordem da professora Amphrisia Santiago, Presidente deste departamento, venho comunicar-vos que serão delegados deste ramo da A. B. E., na 3.<sup>a</sup> Conferência Nacional de Educação os drs. Anísio Spinola Teixeira, Director Geral da Instrução, Joaquim Ignacio Tosta Filho, Director do Gymnasio da Bahia, e Isaias Alves de Almeida, professor deste Gymnasio e conhecido educador.

Esses delegados, membros do nosso Conselho Director, são também os representantes do Estado da Bahia na alludida Conferencia, devendo embarcar para S. Paulo a 1.º de Setembro.

Aproveito a oportunidade para dizer-vos que foram remettidos devidamente registrados ao dr. Fernandes de Magalhães, até esta data, as seguintes theses, recolhidas por este Departamento:

«Finalidade do ensino secundario», pelo dr. Gonçalo Muniz, da Faculdade de Medicina.

«Defeitos da legislação brasileira relativamente ao ensino secundario», pelo mesmo.

«Combate ao analfabetismo na zona rural», pelo professor Alipio Franca, da Escola Normal.

«Combate ao analfabetismo na zona rural», pela professora Maria José da Silva, directora das Escolas Reunidas de Cachoeira.



«As Escolas Normaes Livres», seu papel na formação do professorado primario», pela professora Amphrisia Santiago.

«Da Educação Sanitaria. Sua organização e função. A instrucção sanitaria atravez da escola», pelo Dr. Alberto Silva.

«Da Instituição das Escolas Normaes Livres e o seu papel na formação do professorado primario»— pelos professores João J. Nascimento Junqueira e dr. Antonio Augusto Machado.

Cordeaes saudações.

O Secretario Geral

(a) *Archimedes Pereira Guimarães*

NOTA:—O professor Isaias Alves de Almeida entregou directamente á Secretaria da III Conferencia as theses que escreveu em numero de tres:

1) Defeitos na legislação brasileira do ensino secundario.

2) Finalidade do Ensino Secundario.

3) Como formar a opinião publica sobre as vantagens do ensino secundario eficiente, base da cultura media do paiz. Responsabilidade dos paes na deficiencia do ensino secundario. Meios de combater essa deficiencia.

Rio, 8 de Outubro de 1929

Exm.º Snr. Americo Furtado Simas.

M. D. Presidente da Associação Brasileira de Educação.

Departamento da Bahia.

*S. Salvador*

Reunidos, pela primeira vez, para cumprimento do art. 2.º § 1.º dos Estatutos da A. B. E., em S.



Paulo, os delegados da Associação Paranaense de Educação e dos departamentos da A. B. E. do Districto Federal, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Minas Geraes, Pernambuco e Bahia, accordaram no seguinte esboço de regimento interno, a ser estudado pelos Conselhos Directores dos diversos departamentos e, uma vez approvedo, ter inicio por occasião da 4.<sup>a</sup> Conferencia Nacional de Educação.

Art. I—Todos os annos, por occasião da Conferencia Nacional de Educação, reunir-se-ão na séde da mesma Conferencia os representantes dos diversos departamentos da A. B. E. e das sociedades á mesma filiadas.

§ 1.<sup>o</sup>—Cada departamento ou sociedade far-se-á representar por dois delegados.

§ 2.<sup>o</sup>—Presidirá a reunião o presidente em exercicio do departamento local.

Art. II—Nessa reunião serão lidos os relatorios annuaes de todos os departamentos, para melhor e mais intimo conhecimento das actividades dos mesmos.

Art. III—Será igualmente assumpto de deliberação o plano de doutrinas a serem debatidas nas conferencias de educação vindouras e ás mesmas apresentadas como projecto da A. B. E.

Art. IV—A A. B. E. manterá uma revista trimensal com a collaboração de todos os departamentos.

§ 1.<sup>o</sup>—As despesas serão divididas proporcionalmente ao numero de socios de cada departamento.



§ 2.º—Quando a renda de annuncios e assignaturas cobrir as despesas, o saldo formará um fundo de reserva, cujo destino será decidido nas reuniões conjunctas annuaes.

Art. V—Qualquer novo departamento que se venha a formar, deverá, juntando a acta de sua installação e declaração explicita de que seus estatutos estão de accordo com o art. 2.º dos estatutos da A. B. E., solicitar seu reconhecimento a todos os departamentos já existentes.

§ 1.º—Ao receber essa solicitação cada departamento deverá communicar a aos demais, bem como a solução tomada, começando o entendimento com o novo departamento.

Art. VI—Para maior uniformidade de vistas, é aconselhavel que todas as sociedades filiadas a A. B. E. adoptem o mesmo nome geral—Associação Brasileira de Educação, departamento de . . . . . em perfeito pé de igualdade e harmonia.

Art. VII - O presente regimento entrará em execução depois de homologado pelos diversos departamentos e sociedades aliadas.

Art. VIII—O primeiro numero da «Revista da A. B. E.» será publicada em Janeiro de 1930.

Saudações cordeaes.

(a) *Mello Leitão*, Presidente.



Rio, 18 de Outubro de 1929.

Exmo. Sr. Dr. Americo Furtado de Simas,  
M. D. Presidente da Associação Brasileira de  
Educação.

Departamento da Bahia.

S. Salvador.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. que, em Assembléa Geral realizada a 9 do corrente, foi eleita a seguinte Directoria para este Departamento da Associação Brasileira de Educação.

Presidentes: Drs. Fernando Magalhães, Arthur Moses, Mello Leitão e D. Isabel Jacobina Lacombe. Secretaria Geral: D. Lucia Magalhães. Thesoureiro; Dr. Julio Cruz Azevedo.

O Conselho Director ficou assim constituído; drs. C. A. Barbosa de Oliveira, Flavio Lyra da Silva, Gustavo Lessa, Mario Britto, Julio Porto Carrero, Salvador Fróes, Miguel Arrojado Lisboa, José Piragibe, Nelson Romero, Levi Carneiro, C. Delgado de Carvalho, Euclides Roxo, Decio Lyra da Silva, Everardo Backheuser, F. Venancio Filho, C. B. do Couto e Silva, Victor Lacombe, Othon Leonardos, Edgard S. de Mendonça. Sras. Branca Fialho, Marietta Castro e Silva, Laura Lacombe, Laura Xavier da Silveira, Anna Amelia C. de Mendonça, Alice Carvalho de Mendonça, Maria Luiza C. de Azevedo, Sylvia Mello Leitão, Lucia Miguel Pereira, Armanda A. A. Mendonça, Vera Delgado de Carvalho.

Reitero a V. Exa. os meus protestos de elevada estima e consideração.

(a) *Lucia Magalhães*, Secretaria Geral.



Rio, 11 de Novembro de 1929.

Exmo, Snr.

M. D. Presidente da Associação Bahiana de Educação;

Tenho o prazer de communicar-vos que a F. N. S. E. está completando sua organização definitiva, para que possa no proximo anno iniciar a execução integral do seu programma.

Em poucos dias estaremos installados em sede apropriada, ampla e confortavel, na qual começará a funcionar nossa Secretaria Geral.

O exito do sello educacional já nos assegura os recursos necessarios para que possamos desenvolver nossa acção durante um anno pelo menos.

Convem agora regularizar definitivamente a situação das sociedades federadas, de accordo com os Estatutos de 11 de Agosto.

Para isso solicito-vos que, com a possivel brevidade, envieis á nossa Secretaria Geral:

a) designação em officio, dos representantes dessa Associação, effectivo e supplente, nos termos do art. 4.º dos Estatutos;

b) copia authentica dos estatutos ou regulamento dessa Associação, ou exemplar impresso, tambem authentica;

c) certidão do registro de estatutos, para prova de aquisição da personalidade juridica.

O Conselho Executivo resolveu que a annuidade a que se refere a letra *c* do art. 3.º dos estatutos seja



paga a partir do anno immediato e dentro do 1.º trimestre.

Aproveito a oportunidade para vos apresentar meus protestos de alta consideração.

Attenciosas saudações.

(a) *Celina Padilha*, Secretaria.

Illmo. Snr. Prof.

Director da Escola...

Acha-se o dr. Bernardino de Souza, Secretario Perpetuo do Instituto Geographico e Historico, professor do Gymnasio da Bahia e membro conspicuo do departamento da Bahia da Associação Brasileira de Educação, empenhado em erigir condigno edificio para séde da Faculdade de Direito, da qual é professor e actualmente director.

Alem do bello auxilio do Governo do Estado para esse nobre fim, apenas conta o dr. Bernardino de Souza com o apoio dos antigos discipulos daquelle Templo de estudos e com o favor constante do povo bahiano, sempre disposto a defender as causas mais alevantadas. Muitas teem sido assim as adhesões enviadas ao nobre confrade acompanhadas de não pequenos obulos.

Do professorado bahiano, porém, cuja coparticipação se espera, para que todas as classes sociaes estejam confundidas no entusiasmo pela magnifica idéa, quasi nada tem recebido a Faculdade de Direito.

Assim, considerando que um novo e imponente predio para essa casa de sciencia, será um padrão a mais a se lançar no activo da cultura da Bahia, e um



esplendido exemplo de educação cívica, este departamento toma a liberdade de solicitar o vosso poderoso auxilio, junto á sociedade de que sois legitimo expoente, para que sejam preenchidas as listas anexas e remetidas as quantias angariadas directamente ao dr. Bernardino de Souza.

Desde já, pelo vosso esforço, o muito obrigado do departamento da Bahia da Associação Brasileira de Educação.

Secretario Geral

(a) *Archimedes Pereira Guimarães*

---

Rio, 28 de Janeiro de 1930.

Exm.º Snr. Presidente da Associação Bahiana de Educação.

Saudações.

Accuso recebimento do vosso officio, comunicando a reforma dos Estatutos, constituição em associação independente e consequents desligamento da Associação Brasileira de Educação.

Certo de que continuará a mesma a cordialidade que sempre caracterizou no passado as relações entre as duas associações, firmo-me com elevada estima e maior consideração.

(a) *Arthur Moses*

Presidente



## SEMANA DE EDUCAÇÃO

Tiveram desusado brilho, correndo no meio de maior entusiasmo, as commemorações da Semana de Educação de 1929.

A «Educação domestica», thema escolhido para o dia da segunda-feira, foi motivo para que se pronunciassem bellas palestras nos differente estabelecimentos de ensino primario, normal e profissional. O Instituto de Assistencia e Protecção á Infancia por sua vez, abriu as portas para receber algumas dezenas de visitantes das suas installações.

Na terça-feira, consagrada á «Educação Intellectual», ás 15 horas, no Gymnasio da Bahia perante uma banca julgadora, costituida dos drs. Archimedes Pereira Guimarães, Jayme Junqueira Ayres, Epaminondas Torres e Francisco Magalhães Netto, teve logar o torneio de oratoria entre 7 alumnos de estabelecimentos normaes e secundarios, previamente inscriptos.

O thema desenvolvido pelos concorrentes era «O Futuro do Brasil», tendo obtido o primeiro logar a professoranda Amanda Nascimento, o 2.º logar, o alumno do Gymnasio S. Salvador Demosthenes Berbert de Castro e uma menção honrosa a professoranda Edith Mendes de Aguiar. A vencedora recebeu como premio uma linda estatueta e o 2.º collocado um livro hoje raro sobre os 3 maiores oradores da antiguidade com discursos de Cicero, Demosthenes e Pericles.

Á noite, no Club Commercial, gentilmente cedido pela sua Directoria, o dr. Edgard Ribeiro Sanches pronunciou a sua annunciada Conferencia sobre



a Educação Intellectual, teudo discorrido durante quasi 2 horas, brilhantemente.

A quarta feira, intitulada dia da Educação Profissional não foi menos condignamente festejada. Mestres consagrados, na Escola Normal, na Escola de Aprendizes Artifices, nos estabelecimentos primarios etc., discorreram sobre a importancia do trabalho profissional. Na Escola Polytechnica, o dr. Americo Furtado de Simas pronunciou applaudida conferencia sobre «A organização do Ensino Profissional na Bahia».

Quasi todo o programa da quinta-feira, destinada á «Educação Physica» desenvolveu-se na Escola Normal, cujas alumnas receberam a visita das suas collegas de muitos outros estabelecimentos de ensino primario, fundamental e normal.

A's 10 horas desse dia e em presença de numerosas delegações de alumnas do curso normal do Educandario dos Perdões, do Gymnasio official, das alumnas do estabelecimento, docentes e convidados e representante do Director Geral de Instrucção, teve inicio, no salão nobre da Escola, a conferencia pronunciada pelo dr. Antonio Augusto Machado, professor cathedratico da Escola Normal, sobre o valor e as vantagens da educação physica. Antes da palestra fallou o dr. Alfredo Magalhães, Director da Escola Normal, que apreciou a educação physica sob o ponto de vista medico-hygienico.

A seguir passaram-se todos para a praça de esportes onde, feitas as saudações de estylo, teve inicio o torneio de gymnastica entre as turmas do Educandario dos Perdões, do Gymnasio São Salvador e da Escola Normal, que apresentaram, cada qual, numeros ineditos muito interessantes.



A's 15 horas e ainda no campo esportivo da Escola realizaram-se novos numeros de Gymnastica e de jogos athleticos entre equipes dos estabelecimentos citados. A' noite, no «Gremio Isaias Alves», o professor Alfredo Britto, da Faculdade de Medicina, falou com grande proficiencia sobre o suggestivo thema: «Hygiene no Estudo.»

A sexta-feira da Semana foi consagrada á «Educação Artistica.» Duas palestras interessantes foram pronunciadas nesse dia: a do professor Oséas Santos na Escola Normal e a do dr. José Allioni na Escola de Bellas Artes. Na primeira dessas Escolas, o seu Orpheon, sob a regencia do professor Domenech, executou lindos trechos do seu repertorio.

A «Educação Civica» mereceu, pela sua significação, especial carinho dos organizadores da Semana. No Instituto Bahiano de Ensino, o Secretario Geral da Associação Bahiana de Educação palestrou com os alumnos daquela casa sobre a Educação Civica e um dos meios mais efficazes de mantel-a permanentemente de pé: o desenvolvimento do escotismo. A' tarde, no salão do Instituto Historico, o professor Isaias Alves discorreu sobre interessante thema allusivo á data e o dr. Bernardino de Souza lançou na Bahia o sello pro-educação. Na mesma solenne reunião um grupo de alumnos do Instituto de Musica cantou magnificamente dois hymnos de proposito escolhidos para o dia que se commemorava.

Finalmente, no domingo, a «Educação Moral» fechou a serie de commemorações da Semana. E' que no Asylo dos Expostos, graças á acção do desembargador Newton de Lemos e seus collaboradores, se realizou commovente festa de elevada significação



moral. Nesse dia o dr. Joaquim Faria Góes salientou em sincera allocução a lição que aquella festa representava para quantos a assistiam e o dr. Secretario do Interior, que assistia ao acto, congratulando-se com os presentes, declarou encerrada a Semana de Educação na Bahia.

### CONCLUSÃO

Nada mais se faz necessario ajuntar a estes periodos, senão que vae a Associação Bahiana de Educação cumprindo com segurança os seus objectivos. Para comproval-o e desafiar o derrotismo dos pessimistas e apressados, basta que se diga que já publicamos dois numeros, sem favor, excellentes, de uma «Revista de Educação» e que muito breve, crescendo sempre o rol dos nossos associados, lançaremos á publicidade o seu terceiro numero.

E agora só me resta agradecer as innumeradas provas de confiança que depositaram no seu Secretario Geral os nobres collegas do Conselho Director e os caros consocios da Associação Bahiana de Educação.

Bahia, 23 de Março de 1930.

*Archimedes Pereira Guimarães*

---



## SEMANA DE EDUCAÇÃO DE 1928

(Transcripto do Diario Official)

*Dr. Thales de Azevedo*

### DIA DA SAÚDE

O primeiro dia da Semana da Creança é dedicado á Saúde.

Quem não estima essa riqueza? Na realidade a Saúde é um bem tão caro que ninguem pode calcular exactamente o seu valor, e no entanto todos nós podemos possuil-o.

A fortuna material só está ao alcance de alguns privilegiados a quem a providencia permite que adquiram pelo trabalho ou como herança. Mas quantos se esforçam e não a conseguem! Aliás, ella é perfeitamente dispensavel. Viver pobrementemente muita vez é maior felicidade que possuir milhares de contos de reis.

Viver sem Saúde, entretanto, ainda que sejamos ricos, nunca é bom. A doença rouba-nos o bem estar, a disposição para o estudo e o trabalho, tira-nos o gosto pelos prazeres, abate-nos e nos torna impacientes, irritaveis, mal-humorados. Em uma palavra:—leva-nos a alegria de viver.

Sim, porque não há quem não tenha alegria em



viver. E para que a vida seja sempre de alegrias necessitamos ter Saúde. Quem soffre não pode ter alegrias, — esse dom magnifico, indispensavel ao successo de todos os nossos empreendimentos. O pae doente, triste, impertinente, aos poucos se faz, sem querer, um mau pae. E' rispido, é desattencioso, é injusto com seus filhos, e alem do mais não tem forças nem tem animo para o trabalho com que há de mantel-os.

Assim tambem a mãe que não tem saúde. Tudo a impaciente, a irrita, a entristece; perde sua doce autoridade sobre os filhos, desanima de os educar bem, vê tudo com pessimismo.

Na casa em que não há Saúde falta alegria, falta paz, como della foge o bem estar material. Não havendo quem trabalhe e viva despreoccupado de dores, tudo se torna difficil. A lucta pela vida, que deve ser uma occupação que nos distrae, vem a ser considerada um pezo, um castigo, a que fugimos... Dahi a falta de meios de subsistencia, que gera o pessimismo e redunda na miseria.

Então, para supprir-nos ao menos do indispensavel, somos capazes dos mais degradantes expedientes ou somos levados á humilhação de mendigos.

Talvez nunca tenhamos reparado que quasi todo medingo é doente. Quem tem Saúde ganha o pão de cada dia honesta e honrosamente.

Pois bem, a Saúde pode ser conseguida por qualquer pessôa. A todos é possivel viver segundo os ensinamentos da moderna Hygiene, que é a sciencia de preservar a nossa hygidez contra o ataque das doenças. Se todos soubessemos respirar bem, alimentar-nos a horas certas, fazer algum exercicio



physico todos os dias e cumprir outros preceitos da Hygiene, seriamos todos sadios. Com molestias não se facilita. E' um dever de civismo tratarmo-nos sempre e logo que qualquer molestia nos acomette,—mesmo as que nos parecem menos temiveis.

Paes e Mestres,—não esqueçais de velar pela Saúde das creanças no Lar e na escola. Uma creança doente é sempre atrazada nos seus deveres escolares, como parece ser rabugenta em casa. Não a culpeis de faltas que commette involuntariamente. Ensinae-lhe a viver segundo as leis da Hygiene,—proporcionando-lhes, vós, Paes e Mestres, oportunidade para terem horarios fixos para a dormida, as refeições, os exercicios physicos, o estudo e todos os seus deveres. Fazei comprehender a ellas o erro de fugirem ao sol tão bemfazejo, de respirarem pela bocca, de não mastigarem perfeitamente, etc.

E vereis que se tornarão alegres, vivas, communicativas, e virão surprehender-vos com o progresso na Escola e a docilidade no Lar.

Não queiraes nunca perder a Saúde, porque talvez só nessa occasião venhaes a dar valor a esse verdadeiro thesouro, que todos podemos ter ou deixar de ter.

Um povo sem Saúde atrazado, rotineiro, depressivel.

Cultivae, pois, a Saúde, afim de contribuirdes com a vossa felicidade para a felicidade de todos os Brasileiros, o que resultará na grandeza cada dia maior da Patria.



## DIA DO LAR

O segundo dia da Semana da Educação é dedicado ao Lar.

Todos nós sabemos que a base da vida de qualquer povo é a família. Sem a família, a sociedade se desorganiza, destrói-se, deixa de existir. Todas as tendências sociológicas que diminuem o valor da vida de família resultam na anarquia e na immoralidade. Pois bem, a vida de família se desenvolve no Lar.

Sem o lar ella deixa de existir, porque o Lar é que nos aproxima, nos liga, nos irmana, creando em nós, além da dependencia de parentesco phisico, essa indissolúvel afinidade moral dos entes que se estimam.

Portanto o lar não é só o convívio dos parentes pelo sangue. E' principalmente isso,—mas para muitos é apenas o 'meio em que vivemos. Haverá, então, maior bem que possuímos um lar, — esse abrigo contra as tristezas e as decepções da vida, esse refugio e anteparo contra as seducções e os attractivos do mal? Só no Lar encontra o coração bem formado a paz; Só nelle se originam as grandes dedicações.

A Vida agitada, buliçosa, tumultuaria das ruas abafa em nós as armaduras da existencia terrena por alguns momentos, mas cança ao cabo d'algum tempo, porque não passa d'uma illusão. Aquelle que se entrega a essa agitação do artificialismo acaba sentindo-se isolado, solitario, abandonado no mundo. As tendencias para o bem fogem-lhe da alma:—elle não tem a quem estime, a quem agrade, a quem dê conta de suas acções. E se entrega de corpo e alma á des-



preoccupação, ao desespero,—por fim ás mais degradantes miserias moraes. Quando assim não succede,—cae no tédio inconsolavel dos que sentem não ter amigos, não ter confidentes, não ter quem os anime e os conforte.

No Lar não há o tédio nem o desanimo. Há alegrias, sobrevenham tristezas, e sempre teremos o conforto de um coração verdadeiramente amigo, que vai connosco para a magua como para o contentamento.

E' assim o Lar bem formado, em que reina o bom entendimento, a concordia, a união, sincera, tolerante e desinteressada. Quantos desanimos na luta pela vida se curam somente com o convivio do Lar? Para a creança, então, não há, para a formação do character, nada que substitua o Lar.

A escola, o orphanato,—nada disso é capaz das maravilhas do meio familiar,—e meio familiar só é possivel na commuidade do Lar. E' justamente a dispersão, a falsa independencia e liberdade da insubordinação que ameaçam a ordem e a segurança dos povos. Povo que cultiva o amor á familia é sempre ordeiro, disciplinado, prospero, feliz. A creança que não conhece o aconchego do Lar,—que se creou na rua, desconhecendo o affecto dos paes ou não se acostumando á suave autoridade delles,—é rispida, impulsiva, desattenciosa, insubordinada.

Na escola é voluntaria, desobediente, sem attentões nem consideração aos mestres; não tem o senso da responsabilidade nem do dever. E' rebelde ou é apathica,—indifferente á ternura com que a tratam. Não tem meiguice para corresponder ao affecto. Ceco se torna pessimista, e egolatra:—vive para si, desdenhando dos demais. Dahi nascem os tyrannos, os des-



postas, muita vezes os criminosos. Está mais que provado que o menino delinquente procede geralmente do lar desorganizado, de paes tarados ou da vida irresponsavel das ruas.

Cultivemos, pois, o Lar para bem nosso e beneficio de nossa raça. Que a creança brasileira tenha amor ao convivio de familia, para que sejamos, unidos, ordeiros e felizes com a Patria querida.

### DIA DO MESTRE

O Dia do Mestre na Semana da Educação devera ser dos maiores.

Entre nós, infelizmente, poucos dão ao Mestre o seu real valor. Poucos lhe conferem o merito que verdadeiramente tem. No entanto elle é sempre um abnegado.

E' um heróe, cuja vida fica desconhecida, cujos sacrificios não recebem premios. Sem elle, entretanto, que seria de nós? Um povo sem Mestres é fatalmente victima do atrazo, da ignorancia, da rotina. Não basta que haja escolas, bellas escolas em predios magnificos, providas do mais rico e mais moderno material; — é preciso que a tudo isso dê vida o Mestre! Dahi o seu valor.

A creança que não considera o Mestre como amigo nunca trará da escola para a vida pratica todo aproveitamento que poderia conseguir. Para ella o estudo é uma dura obrigação, que se cumpre com receio de desgostar a um ser temivel e odiado. Absolutamente não deve ser essa a attitúde para quem se dedica, gastando as suas melhores energias, ao aprimoramento de nossas qualidades, ao cultivo de nossa



intelligencia, ao aproveitamento das nossas tendencias!

De outro lado, não deve o Mestre, olhar para o alumno como um fardo. O discipulo é um filho que o Mestre, como segundo pae, deve estimar e tratar com a delicadeza, os carinhos e o interesse que ligam paes e filhos. Nunca se exaspere com as diabruras da creança, nem jamais se mostre impaciente ou desanimado com ella. Isso resultaria em perda de autoridade e do prestigio, que devem aureolar a sympathica figura de quem ensina. Sem autoridade,—mas autoridade despreoccupada e serena, e sem o prestigio do seu saber, da sua dedicação, da sua afabilidade, o Mestre torna-se antipathico ou se faz ridiculo. Já o não respeitam os alumnos nem o consideram os paes. Convem que, sem affectação o Mestre procure adquirir aquellas qualidades, para que se lhe torne mais suave a dureza da profissão e consiga fructos mais abundantes do seu trabalho.

Mas, aos paes cabe muito que fazer em beneficio do Mestre para proveito dos seus filhinhos.

O pae que, sem razão fundada, censura o professor de seus filhos, que critica os seus methodos de ensino sem nada conhecer do assumpto, que exige milagres e não admitte que a creança seja sequer admoestada,—alem de ser injusto, prejudica ao proprio filho, que passa a ter como inimigo ou como incompetente, muita vez, um paciente, dedicado e competentissimo docente.

A cooperação entre Paes e Mestres é uma necessidade para o progresso da educação entre nós. A maioria dos paes se queixa dos methodos modernos,—que desconhece inteiramente, e acha que em



pleno seculo XX os seus filhos devem ainda estudar pelo classico A. B. C., que foi onde apprenderam. Outros queixam-se das escolas em que há cafúas, bôlos, orelhas de burro, etc. E assim vão fazendo a triste obra do desprestigio de uma das classes que mais heroicamente luctam pelo adeantamento de um povo.

Não!—a partir d'agora devemos todos ser justos com o Mestre! Havemos de lhe dar todo apoio que merece e de que necessita para que a saa actividade seja da maxima efficiencia. De outra maneira, o nosso filho viverá de escola em escola, experimentando todos os mestres conhecidos, sem tirar o minimo proveito.

Quando todos os brasileiros comprehenderem que devem venerar os Mestres de seus filhos, começaremos a andar na trilha do progresso verdadeiro, porque sem instrucção *nunca* seremos nada e a instrucção depende da escola, que sem o Mestre não tem vida.

E' por isso que o dia do Mestre na Semana da Educação devera ser dos maiores.

### DIA DA VOCAÇÃO

Dia da Vocação! Que será isso?

Há tanta gente que ignora o sentido da palavra Vocação e ha tanta gente que despreza o seu valor! Mas tudo isso é resultado da ignorancia.

A Vocação é essa tendencia innata que todos nós temos por esse ou aquelle genero de actividade. Nascemos com ella e não a podemos crear. Ella impelle-nos, atrae-nos num sentido determinado. Ella nos chama, como diz a palavra «vocare» do latim.



E com tal força e tanta imperiosidade o faz que não podemos resistir-lhe. De qualquer sorte cedemos á sua insistencia.

Uns nascemos com um pendor para o jornalismo para a industria, para o sacerdocio; outros, sentimos um attractivo maior pelo magisterio, pela chimica ou pela vida do mar. Tudo isso são verdadeiras aptidões em potencial, que usadas e aproveitadas conseguirão de nós o maximo proveito. Eis porque devemos, para beneficio de nós mesmos, seguir quanto possivel a nossa Vocação. O homem que foge ou é arrancado á sua Vocação viverá sempre deslocado. Toda energia que despender será parcialmente perdida, —senão totalmente. Não é bastante ser intelligente e estudioso para chegar a optimo advogado; é preciso ter Vocação, sentir esse mysterioso impulso que nos indentifica com a profissão ou o genero de actividade.

Todos nós sentimos perfeitamente que estamos mais satisfeitos e mais á vontade no exercicio desse ou daquelle trabalho, e muita vez é com uma pena enorme que nos vemos forçados a dedicar as nossas forças a um trabalho diverso.

E como poderemos corrigir esse mau vezo antigo de forçar as creanças a seguir uma carreira pre-determinada, sem que a mesma seja consultada? Muito simplesmente! Há que abandonar a supposição de que á força se chega a modificar as tendencias. Podemos suppor que extinguimos num jovem a sua propensão para a arte ou para as letras, afim de leval-o á vida de commercio. Nunca, entretanto, conseguiremos mudar o curso das nossas tendencias innatas.



Dahi procurarmos sondar o espirito da creança para lhe descobrirmos qual a verdadeira Vocação. Aliás convem sabido que isso não é facil. E' engano suppor que o menino que tem boas notas em mathematicas, será fatalmente um magnifico engenheiro, ou que outro será um medico de nomeada porque sabe as lições de historia natural.

Mas a observação cuidadosa com auxilio do mestre, chegará a uma conclusão accetivel.

Hoje a Vocação é considerada em alta linha na educação; dahi a sua pesquisa por processos psychologicos nas modernas organizações de ensino.

Querer desviar a Vocação é, não raro, inutilizar uma vida inteira.

#### DIA DA CREANÇA

A semana da Educação não podia passar sem um dia dedicado á Creança.

Se a tarefa da educação nacional não se dirige só á creança, entretanto a sua preocupação maxima se dirige para ella. Actualmente é considerado anti-scientifico e economicamente errado qualquer programma de educação que não abranja o adulto. Está provado que muito se pode conseguir ainda daquelles que só, passada a adolescencia, têm tempo ou conseguem comprehender a necessidade de se armarem melhor para vida, instruindo-se.

Porem, a base segura da educação dum povo está no aproveitamento da infancia. Se o adulto é possivel melhorar de cincoenta por cento, a Creança pode ser integralmente adaptada ás melhores condições de eficiencia. A creança é a semente do homem que há de vir. Bem cuidada, immunisada e prote-



gida contra os seus inimigos, regada continuamente, plantada em terra fértil ella dará fatalmente arvore bôa, sadia, forte, productiva. Os fructos dessa planta terãa que ser dos melhores e dos mais bellos.

Pelo contrario,—deixada ao abandon, sem trazo, carcomida pelos parasitas que são o vicio e os maus habitos, plantada em terra safara que são as más companhias, sem o adubo indispensavel da instrucção, a Creança não poderá fugir á triste contingencia de vir a ser arvore mirrada, de fructos pêccos, de folhas descoradas, e além disso estorvo ao crescimento das vizinhas que acaso sejam perfectas. E' muito certo o adagio que diz que «tempestades colhe quem semeia ventos».

A Creança deixada na ignorancia, dissolução, na indisciplina jamais chegará o sentir a felicidade de viver em paz, estimada, querida e acatada por todos, util e indispensavel mesmo á sociedade que a rodia, motivo do orgulho para a Patria ou consolo para a familia. Não! A Creança que não vae á escola, que se cria nas ruas, sem attender á obediencia paterna e sem cumprir os deveres de sua condição, voluntariosa, mimada, acarinhada em demasia, elogiada, despropositadamente, jamais dará inteira satisfação á sociedade nunca sentir-se-á perfectamente em paz com a consciencia. Cedo ou tarde cairá no ocio, abandonando os deveres; resvalará para a insubordinação, rompendo os laços de consideração ou affecto que faziam por ventura atenciosa ou docil e na lucha pela vida conseguirá menos que o irmão, que a enfrenta conscio dos seus deveres e habilitado a attingir o maximo das suas capacidades.

Quanta gente, tido hoje por incapaz, rebelde,



fracassada, não teria sido feliz se houvera recebido na infancia a educação que lhe convinha, a orientação que lhe faltou? E isso é possível a todos nós.

A escola, - essa esplendida continuação do lar, pode conseguil-o.

Não há Criança que justifiçadamente deixe de ir á escola. Numa idade em que ainda não tem forças para o trabalho, nem deve ser deixada á vadiagem e desocupação, a Criança deve ser enviada ao mestre que continuará a obra da família e a preparará para ser mais um cidadão que honre e sirva á Patria.

Ah! Se todos os paes, mesmo os mais pobres, comprehendessem o valor da educação!

Tomemos o exemplo da Alemanha, do Japão, dos Estados Unidos, - nações que devem á educação do maior numero possível de seus filhos a magnifica prosperidade em que vivem.

Um povo ignaro e mal ou nada preparado para a vida é sempre pobre, rotineiro, atrazado. Elle ignora quantas possibilidades há para engrandecer honestamente e se fazer feliz.

Cuidemos, pois, de nos preparar um futuro cada dia melhor, interessando-nos pela educação da Criança Brasileira.

### DIA DA PATRIA

Hontem a Semana de Educação teve o dia da Patria.

O dia maior dessa admiravel Semana de vida! Sim, o culto da Patria deve occupar em nossos corações o logar de maximo destaque em nossos brios civicos.



No momento evolutivo da humanidade, o conceito da Patria inda é o estímulo maior á nobreza dos povos. Comquanto já se comece a pregar o apagamento das fronteiras politicas nos mappas da terra, o espirito de nacionalidade conserva-se forte, inabalavel, resistindo a essa tendencia de suffocação do senso de individualidade politica. Um dia, talvez, virá isso a ser real e bom...

Hoje, porém, não está o homem ainda educado para um sentido tão lato dos seus deveres e direitos humanos. Seria realmente ideal que a humanidade inteira se considerasse irmã, e esquecesse tanto pequeno resentimento e tanto orgulho nacional, que são a causa primordial das desavenças e das grandes luctas internacionaes.

Prezar a Patria é, pois, um dever de todos nós. Nella havemos de resumir a finalidade de nossa actividade, quer seja mental, quer simplesmente physica. Cada acto de um cidadão deve ser e pode seguramente ser de proveito á sua Patria. Basta quo sejam honestos e bem intencionados.

Vale muito mais para a gloria de um povo, um bom acto de um obscuro cidadão, que mil discursos, mil livros, mil juramentos não cumpridos e que no entanto tenham partido dos homens de maior prestigio. Porque, na realidade dessas glorias pequenas juntas é que nasce o estímulo para os commetimentos grandiosos, capazes de fazerem eterna pela fama uma nação qualquer.

Se cada cidadão não é um cidadão perfeito, jamais um povo será integralmente digno. Não chegará nunca a signalar no quadro de Historia o dia de sua passagem,—pois um filho mau, com o seu exemplo,



levou outros e outros e muitos mil irmãos a deshonrarem o nome sagrado da Patria, fazendo-a malafamada.

Entretanto um feito só de valor, obriga-nos todos a imital-o! E' o da natureza humana, fructo da bondade divina, tender para o bem. Falte-nos, porem, um estímulo e cedo o esquecemos, deixando-nos ir para o mal. Assim nas collectividades nacionaes.

O mau exemplo, principalmente dos que são mais considerados, é capaz de levar um povo inteiro á desordem, ao pessimismo, ao relaxamento dos costumes, finalmente a ruinas de toda ordem.

Se todo cidadão souber fazer-se digno de sua Patria e na mesma rigidez de principios educar seus filhos, a Patria virá a ser honrada e gloriosa um dia, mesmo que o não creia o pessimismo dos scepticos.

Todos nós, sem excepção do mais pobre, do mais humilde, do mais fraco, podemos trabalhar muito pela Patria. O essencial é que subsista em nossos corações o senso exacto dos deveres e direitos de um povo independente.

No dia em que nos falte essa comprehensão, relaxaremos o brio civico e nos deixaremos conquistar pelo mais forte.

Empenhemo-nos, pois por sermos cada um motivo de gloria e orgulho para os nossos concidadãos. Eduquemo-nos para as necessidades da civilização e com isso faremos silenciosamente o culto sagrado da Patria.

Só então será valor a exterioridade,—fria por si só, mas magnifica no seu symbolismo do sentir de nossas almas. O culto da Bandeira, as harmonias do



Hymno, só terão vida quando forem a traducção fiel,  
—pallida embora, do nosso dedicado amor á Patria.

### DIA DA NATUREZA

Ultimo da Semana de Educação, o dia da Natureza pode dar-nos uma licção magnifica de civismo.

Pujante e rica, encantadora e grandiosa, empolgante, magnifica, estupenda como em parte alguma da terra, a Natureza no Brasil é um estimulo para a vida. Vida ella mesma, vive a dizer-nos com a verde sempre novo dos seus campos, o colorido sempre variado das nossas flores, o cantar sempre alegres das aves, a altaneria magnifica das montanhas, o murmurar dynamico dos rios, a agitação contente das brisas, o azul risonho dos ceus, o cruzeiro symbolico das noites que devemos ser uma hamonia a mais no concerto magnifico de tanta belleza reunida.

Não se comprehende que no ambiente vibrante dessa Natureza, que é a propria vida, nos deixemos arrastar na vida, na pasmaceira da preguiça e do desanimo. Um povo como o Brasileiro deve sentir-se extranho num cadinho effervescente de tanta actividade. São milhões de cellulas, de fibras e de feixes de fibras, são bilhões de ions, de atomos e molleculas mineraes, são particulas infinitesimae de materia a vibrar continuamente, em uma actividade sem repouso, em uma lucta sem fadigas porque o combate pela evolução e pelo progresso.

E' a seiva, é o sangue, são os rios, é o mar, são os ventos, a distribuir por tudo alimento que assegure persistencia.

E' uma renovação sem treguas, um aperfeiçoa-



mento insatisfeito que nos gritam que deuemos partir para diante, que devemos desamarrar o barco em que viajamos, para que possamos ir mais, muito mais adiante.

O ouro, as pedras, os metaes do sub-solo, as fructas, a madeira e as essencias da floresta, os aromas, as tintas e as cores dos jardins, as aguas e a força do ar, dos rios e do mar.—tudo emfim tem uma ansia angustiosa de dizernos que o homem deve ser um elemento de vida nesse laboratorio colossal da Natureza. Não basta contemplar-lhe a inegalavel belleza nem contar-lhe as doçuras inefaveis,—já que viver em harmonia com ella, aproveitando-a como maravilhosa fonte de energia creadora.

Um povo que se acobarda ante a grandiosidade esmagadora da Amazonia, de Iguassú ou Paulo Affonso, não é digno de a habitar. Elle devera fugir a esses monumentos vivos da gloria divina e ir refugiar-se nos desertos aridos e mortos, em que perece a vida!

Não,—o homem Brasileiro ha de comprehender que essa magnificencia sublime da natureza do Brasil não é premio nem é graça do Creador;—é antes um estimulo com que Deus o convida a ser grande, extraordinario, alevantado como o pico das nossas modtanhas, como o topo das nossas mattas, como os ras do sol!

Povo que tem por emblema, gravado na cupola inlinita do seu ceu, o subliime Cruzeiro da fé não pode deixar, sem crime, de aspirar sempre á maxima grandeza.

Esse é o remate da deslumbrante Natureza do Brasil:—a Cruz de um Deus a illuminar-lhe as noites que com tal são mais claras que os mesmos dias.



Sim,—o Brasileiro que, durante o dia trabalha á luz de um sol sem paz, acostuma-se fatalmente á luz, e á noite é justo que tenha a illuminal-o um luzeiro que fica ainda mais longe. Um luzeiro que o console dos desalentos e o anime para mais empresas. Isso tem-no elle realmente, nas cinco estrellas do Cruzeiro — lampada cristallina, com que Deus rompe as trevas de nossas almas e penetra o infimo de nosso coração, dando-nos a razão de tanto amor e tanta dedicação á Patria:—um alcance mais alto,— a gloria do Creador, a quem devemos tudo.

Sempre em festa, seja a Natureza privilegiada que nos rodeia, uma eterna lição, de alegrias e de animo para o trabalho.

Que o bahiano, ao terminar a Semana de Educação, leve consigo mais a lição esplendida da Natureza, que é a vida, o trabalho, o eterno anseio pelo melhor. E' esse o nosso dever para com o Brasil tão querido e que pela Educação faremos dia a dia mais feliz.

---



## INDICE

---

	<i>Pags.</i>
<i>A Escola Nova no Rio de Janeiro</i> — pela Prof. Mercedes Dantas . . . . .	3
<i>Snggestões para reorganização progressiva do systhe- ma educacional bahiano</i> — pelo dr. Anisio Spinola Teixeira . . . . .	25
<i>Educação civica e sociologia</i> — pelo dr. Isaias Alves de Almeida. . . . .	55
<i>Discurso</i> — pronunciado pelo dr. Archimedes Pereira Guimarães . . . . .	72
<i>Pelo ideal da Educação</i> — pelo dr. Edgard Pitangueira	77
<i>Notas sobre o ensino artistico na Bahia</i> — pelo dr. José Nivaldo Allioni . . . . .	88
<i>A festa da arvore em Cannavieiras</i> — pelo dr. Pedro Baptista Peres. . . . .	92
<i>Relatorio apresentado á Assembléa Geral da Associação Bahiana de Educação</i> , pelo seu Secretario Geral	97
<i>Semana de Educação de 1928</i> — pelo dr. Thales de de Azevedo. . . . .	117



## Conselho Director da Associação Bahiana de Educação

Abril de 1930 — Abril de 1931

Presidente — *Isaias Alves de Almeida*

1º Vice-Presidente — *Francisco Magalhães Netto* (no exercício de Presidente)

1º Vice-Presidente (interino) — *Arthur Newton de Lemos*

2º Vice-Presidente — *Professora Alzira Lourdes de Assis*

Secretario Geral — *Archimedes Pereira Guimarães*

Thesoureiro — *Octavio Fontes de Farias*

*Alfredo Ferreira de Magalhães*

*Joaquim Ignacio Tosta Filho*

*Joaquim Faria Góes Filho*

*Anisio Spinola Teixeira*

*Alberico Fraga*

*Jayme Junqueira Ayres*

*Professora Maria José da Paula Moreira*

*Antonio Augusto Machado*

*João J. Nascimento Junqueira*

*Alberto Francisco de Assis*

*Bernardino José de Souza*

*Ildfonso Nunes de Oliveira*

*Professora Amphrisia Santiago*

*Zulmira Meirelles Torres.*



A REVISTA DE EDUCAÇÃO será distribuída gratis aos membros do departamento da Bahia da A. B. E.

---

Para os extranhos:

Assignatura (seis numeros)	. 10\$000
Numero avulso . . . . .	. 2\$000

---

Toda correspondencia deve ser dirigida ao Secretario Geral, na Directoria Geral de Instrucção.